

O Exercício das VOZES



Crônicas



Tânia Du Bois

Tânia Du Bois não é só cronista por excelência, com o que se assume. Acrescento que é, também, cada vez mais (acompanhe Amantes nas Entrelinhas e este novo livro) poeta. Pedro Du Bois já havia percebido essa faceta da escritora, quando disse que seus textos são alimentados por citações literárias poéticas por natureza. Estou falando de seus escritos e da maneira com que ela enriquece suas crônicas, registrando citações e mostrando sua habilidade especial – fruto da sensibilidade; costura de forma harmônica e em igual estatura, como artesã, ao colocar em seus textos expressões de escritores “universais” e da “aldeia”. Essa maneira de escrever tornou-se sua “marca registrada”.

Poetas – categoria em que, por conta e sem risco, incluo Tânia –, por mais “fingidores que sejam”, como refere Pessoa, sempre, uns mais, outros menos, refletem o seu eu em seus escritos. Essa cronista e poeta, aqui não mais nas entrelinhas, não tem meio-termo, atira-se por completo sobre as palavras, confunde-se e casa-se com elas e

Tânia Du Bois

O exercício das vozes

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-CompartilhaQual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa: Tânia Du Bois

Obra da capa: Júlia Du Bois Araújo Silva, acrílico sobre tela

Revisão: Pedro Du Bois

D816e Du Bois, Tânia

O exercício das vozes [recurso eletrônico] :
crônicas / Tânia Du Bois. – Passo Fundo : Projeto
Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-058-5

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Crônicas. I. Título.

CDU: 869.0(81)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sumário

Apresentação.....	7
O exercício das vozes.....	9
Eco das vozes.....	11
A voz do pensamento.....	13
A voz do leitor.....	15
A voz, As vozes.....	17
Voz e vozes.....	18
A voz da memória.....	19
A voz do riso.....	20
A voz da política.....	21
A voz da pedra.....	22
A voz do mar.....	23
A voz da parede.....	24
A voz do vento.....	25
A voz do nome.....	26
A voz do silêncio.....	27
A voz do relógio.....	28
A voz surda.....	29
A voz educada.....	30
A voz do poema.....	31
A voz abafada.....	32
A voz do homem.....	33
A voz da consciência.....	34
A voz do coração.....	35
A voz da experiência.....	36
A voz da imaginação.....	37
A voz do pássaro.....	38
A voz do juramento.....	39
A voz da palavra final.....	40
Vozes soltas.....	41
Vozes altas.....	42

O reflexo das vozes	43
O exercício das vozes.....	45
Da vida, os ruídos	47
Silêncio	49
Pintar também é escrever	51
“O verdadeiro analfabeto é aquele que sabe ler e não lê.”	53
Palavras (mal)ditas	55
Nós & nó(s).....	57
“Navegar é preciso”	59
A noite.....	61
Mosaico de ruínas	63
Solidão nua.....	65
A despalavra.....	67
Tempo: A melhor medida é a da poesia	69
A vida ensina.....	71
A hora da Júlia	73
Sinfonia da vida (e das cores)	75
Segredos entrecortados	77
Somos Perguntáveis.....	79
W. J. Solha, qual seu limite?	83
A magia do momento	85
Por que os homens não Escutam as mulheres?.....	87
Desafiando o tempo	89
Mosca tonta.....	91
“Quem não se comunica, se trumbica”	93
Palavras cifradas	95
Palavras deslocadas.....	97
A morte... Anunciando sua chegada.....	99
“O silêncio não silencia”	101

Pedro,
minha voz
escuta sua voz.



6 - O exercício das vozes



APRESENTAÇÃO

Com este instigante exercício das vozes (ah, ouvir vozes!) Tânia Du Bois nos brinda, inclusive com a vivência e a generosidade típicas de uma vovó coruja, preciosas pepitas de ouro. Sim, a mulher fala determinada em linguagem jovial, mas o traço vovó não é desprezível, daí a referência.

O que enxergou, ouviu, sentiu, e colheu ao longo das estradas sinuosas por onde caminhou com o vento fresco no rosto demarcando o tempo, foi juntando, juntando e, após delicado polimento, nos entrega para que façamos bom uso dessa riqueza acumulada. Com postura de garimpeira atilada extraiu pepitas de suas leituras e as melhores nos entrega, porque, como garante, “na vida do leitor o que não falta são grandes emoções”.

Tânia, com sutis traços de magia, com aguçada inteligência, faz jogo empolgante e provocador ao se postar, ao mesmo tempo, como escritora e como leitora. Ela sai pelo mundo a escrever e a ler, a ler e a escrever – e, eu diria, agora, a inspirar os poetas, como é o caso desse genial chamado Pedro – para manter-se no sonho e fazer-nos sonhadores.

Seu *exercício* é democrático aos nos convidar para ouvir todas as vozes – não exageremos, todas não, mas um número sem precedentes delas reunidas num só local – para experimentar “momentos e emoções” que podem mudar nossas vidas. Alguém já teve a ousadia de imaginar um mundo sem vozes? Tânia fez o contrário, alcançou voz a tudo e a todos e fez seu livro vibrar.

Às “suas” vozes captadas no riso, na política, na parede, no vento, no homem, na pedra, nos pássaros, no silêncio e em outros pontos onde a vida pode pulsar e a sagacidade permitiu ela, magistralmente, mesclou vozes de quem a rodeia, a começar



pela neta Júlia, e vozes que vem de longe sempre falando para espíritos inquietos. Jubilosa diz que a netinha “com sua pequena criação verbal, ilumina as nossas esperanças.” Eis um exemplo poderoso de uma voz presente neste livro... Ah, sim, ter ouvido e inspirado as vozes múltiplas de Pedro.

Nessa andança pelo território das vozes Tânia Du Bois lembra que “a língua é passaporte”, que a voz do vento demarca o tempo, que a vida é uma escola, que o amor despe o poeta, que a solidão nua é atual, que o amor desembrulha os nós, que o ato de escrever nem sempre comporta respostas, que viver grandes momentos amorosos significa acreditar no sentido da vida e que *“cabe conversar, esclarecer e superar os gritos, porque em geral não são escutados”*.

Sim, nesse passeio pela “mente” das vozes faz algumas afirmações universais que soam como leve puxão de orelhas: “quem não se comunica se trumbica”. E não foge dos questionamentos. Quer saber, por exemplo, por que o silêncio não silencia? E, ainda, “por que os homens não escutam as mulheres?” Quem poderia responder?

Bem, resumindo, o que realmente quero dizer sobre “o exercício das vozes” é que a Tânia Du Bois teve a rara felicidade de produzir para cada um de nós uma leitura gratificante a partir da voz poderosa e ao mesmo tempo meiga de uma mulher sábia. E momento gratificante é o que sempre esperamos de bons textos como este.

Boa leitura.

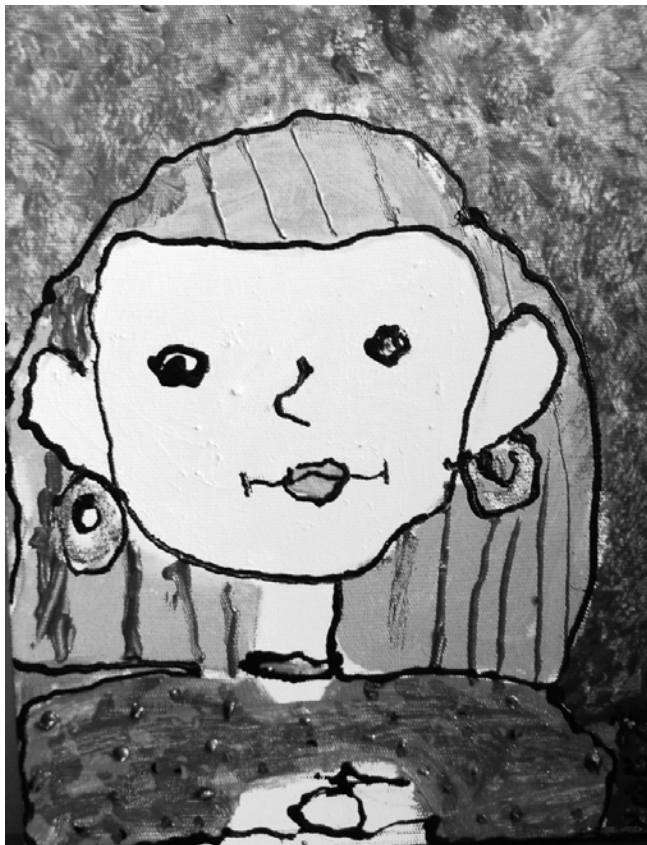


Ivaldino Tasca

Jornalista, escritor, editor.

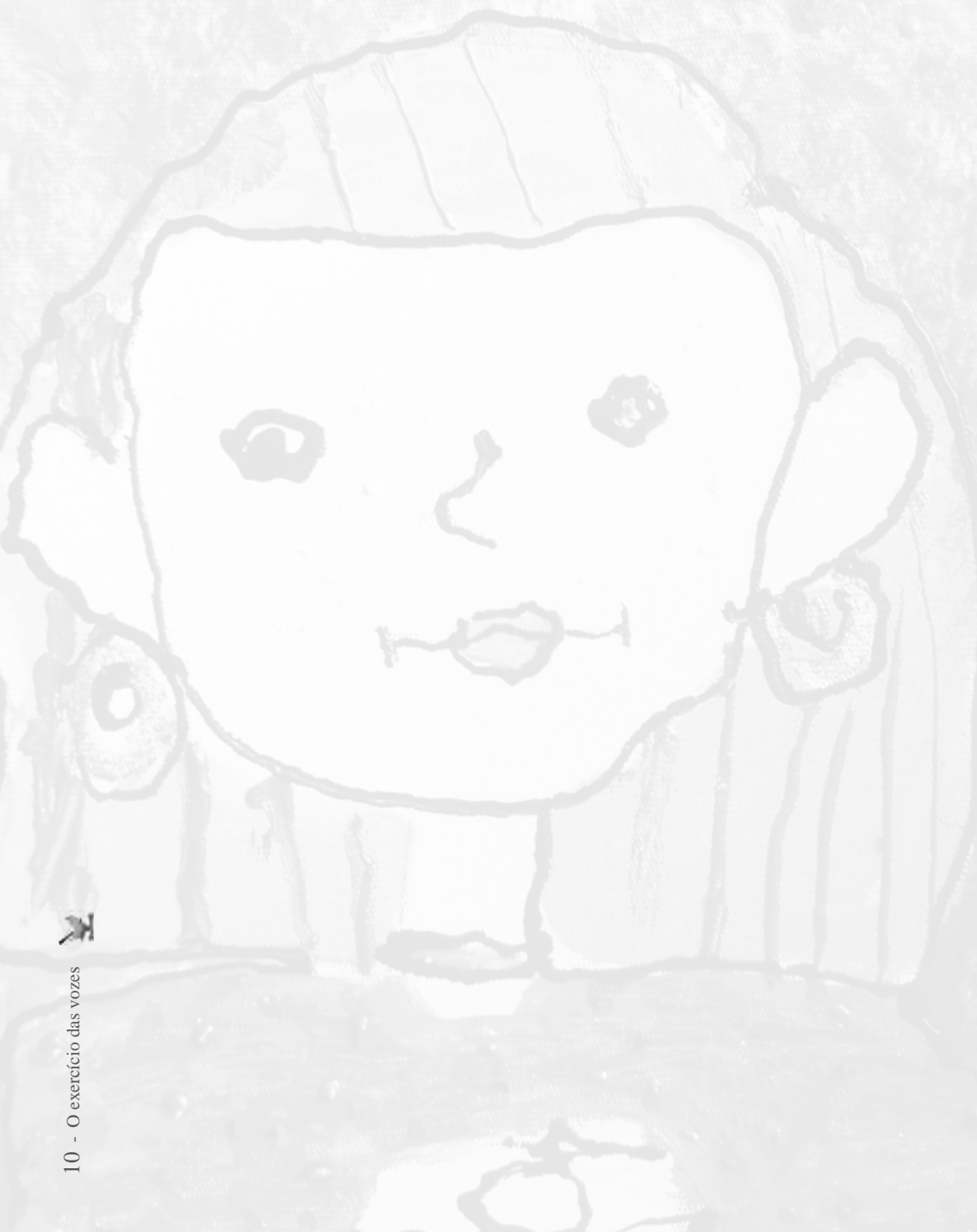
Membro da Academia Passo-fundense de Letras.

O EXERCÍCIO das VOZES



“... a voz deixa ver o secreto de nossa poesia interna”
(Sonia Regina)





ECO das VOZES

*“Se eco / aos teus / versos / pulso //... ao inverso, /
onde ecoas / existo / me tramo...”*

(Carmen Presotto)

Contra o senso comum, classifico eco das vozes como a interferência na história de vida. Interferir é verbo que ganha voz: é conjugado para cair, levantar e sacudir a poeira; e seguir enfrentando as críticas, das quais a vida não direcionou seu desejo de busca. Segundo Tatiana A. S. Caldas, *“A voz se repete / Repete //... De minha voz, apenas o eco ressoa / Insistente / Renitente // Até quando?”*.

Interferir remete a um estilo de quem procura uma palavra singular; a presença é marcada pelo eco das vozes, com a possibilidade de recomeçar um novo caminho. Oscar Wilde reflete, *“Simples palavras! O que é que pode ser tão real como as palavras?”*

Primeiro passo é ter consciência que ao interferir assumimos riscos pelo ressoar das vozes e pelas decisões tomadas. O segundo passo é se perguntar, como sobrevivemos com as interferências? Oscar Wilde diz, *“influenciar alguém é um exercício empolgante”*.

Ao pensar em todas as atitudes de hoje e as decisões que tomamos no dia a dia, podemos perceber o quanto de interferência, interna e externa, domina nossos destinos. É importante distinguir o quanto ela é benigna ou maligna. Precisamos estar informados para selecionar o que é construtivo e tomar atitudes conscientes e equilibradas, para evitar o eco das vozes destrutivas. Segundo



Robert Wong, *“Quando precisar decidir... vá pelo coração, sua essência, que é sábia...”* Dar atenção ao coração, incrementa ganhos e fluímos sem dependência.

Sempre que houver uma interferência devemos dar oportunidade para a outra parte fazer sua escolha. Pois, elas surgem desde sempre, mas devemos analisá-las antes de aceitá-las, para garantir a qualidade de nossas vidas e estar preparados para as mudanças, como em Júlio Perez, *“... São tantas vozes! / todos os livros que li / ecoam em meus ouvidos...”*.

Eco das vozes, no popular, é palpitar, se meter onde não é chamado... é quando a pessoa não pensa no que vai dizer, apenas começa a falar sem se preocupar com as consequências e os resultados, sem pesar os pontos fracos e ressaltar o que tem de melhor. E, por muitas vezes, ouve-se o que não se quer, como demonstra Carlos Higgin, *“...vou embora para um lugar cheio de luz, ...para que minha voz seja minha e não o eco de outras vozes, para que meus pensamentos cresçam e amadureçam e não sejam cortados pela raiz...”*.

A melhor medida para lidarmos com a interferência, ou para influenciar, ou ser eco das vozes, é termos conhecimento da situação, sabermos do nível da necessidade e realização do outro. Na voz de Júlio Perez, *“... são tantas vozes! / E todas querendo me dizer alguma coisa. / Impossível atender a todas...”*.

Saber fazer escolhas, ter atitudes são investimentos que podem valorizar as nossas vidas, sem interferência e como ressoar do eco das vozes.



A VOZ do PENSAMENTO

O que quero para a minha vida? Penso o que preciso mudar na minha vida.

Um truque para driblar o pensamento é dar-lhe ares surpreendentes, como abrir mão de alguma coisa para ter uma vida com raízes; sentir o cheiro de café; ver o dia ao contrário; escolher as cores; folhear páginas e agrupar dados, considerando autor, estilo e gênero do livro. Quando me encontro, coisas incríveis acontecem: o segredo do pensamento é revelado. Nas palavras de Carmen Presotto, “*Se sou o que, / onde está o que sinto? //... silêncio! // Ajude esta mão a caminhar pela vida.*”, e Gilberto Cunha pergunta “*Que é vida? A característica chave de uma rede viva é que ela produz continuamente a si mesma... E o processo da vida é, em essência, a cognição (o processo de conhecer)... Em que se exige uma concepção diferente e inovadora de mente...*”.

Penso todos os dias em realizar meus planos. Sinto, pondero e compreendo a falta de tempo. Tenho a intenção e a ação. Coragem e tenacidade para o papel a desenvolver na vida. Audácia e temor para me dedicar às fantasias e aos fatos, com criatividade e com a finalidade de aproveitar a natureza. Com otimismo, me renovo, mas nem sempre a vida prospera como planejado, como na dúvida de Octávio Paz, “*..-a vida, quando foi nossa de fato?, / de fato, quando somos o que somos?*”.

Penso ter o carinho necessário para reescrever o mundo e ser ilimitado espírito para enfrentar, me aproximar e redescobrir o caminho para reencontrar o sonho, mesmo depois da partida.

Penso que a partir desse momento a tristeza invade a mente e, mesmo assim, preciso da lembrança, porque estou com medo. E só o tempo ensina a contornar o pensamento e a vontade de



gritar: quero ser feliz! Getúlio Zauza ressalta, “*Eu queria ser feito de pura luz / da emanção das estrelas... / e que a matéria do meu plexo / tivesse a forma do original amor. / No momento já me sentiria feliz / sendo como uma manhã primaveril...*”.

De tanto ouvir os pensamentos, percebo que a felicidade vem com o vento e atinge as linhas de raciocínio, onde encontro a multiplicação do ser com gosto de conquista.

Penso na repetição do nada, no mistério que, nem dormindo, faz o pensamento descansar e, muitas vezes, se perde no tempo sem peso nem medida, como se viesse do fundo do coração e se partisse em palavras, como em Clauder Arcanjo, “*Nada do que foi virá / Nada do que já veio renascerá. / Tudo se renova naquilo / que nos encanta e espanta*”.

Penso que minha vida rola solta e aprende segredos como em jogo de sedução, entre o olhar e o sorriso, que transformam os pensamentos, tal como no livro *A incerteza da Vida*, de Pedro Du Bois, “... *A existência sustenta / a palavra expressada... / nada representa a vida / só as palavras dão ao contexto / a certeza do que foi dito...*”



A VOZ do LEITOR

“Se tens um jardim e uma biblioteca, tens tudo”
(Marco T. Cícero)

O leitor vive na expectativa de ler e contar histórias, e de mostrar que a literatura é importante em sua vida, como descoberta, conhecimento e lazer. Também, sabe que ao cuidar da literatura tem a oportunidade de viajar com a imaginação e ir aos lugares mais belos. Isso significa que assim consegue alcançar o ímpeto da vitória. Porém, sempre se preocupando com o antes e o depois e, dessa forma, certifica-se das novas criações e produções. Segundo Carlos Drummond de Andrade, *“A tinta e o lápis / escrevem-se todos / os versos do mundo.”*

Na vida do leitor o que não falta são grandes emoções, porque não se limita aos impressionantes e modernos textos. Ele os admira como obra de arte e a eles é sensível; vocação e paixão regem seu estilo, proporcionando privacidade e silêncio para passar momentos ao sabor dessa brisa, dos livros e do acaso. Ronaldo Monte retrata, *“Criamos palavras / para preencher o espaço aberto / entre as duas margens / de um rio de enigmas.”*

Para o leitor, a miscigenação cultural dá tempero à literatura. As palavras entoadas evocam transe coletivos. Todos têm uma história para contar, e o livro pode ser a voz do leitor, como viajante que por vezes se sente no meio do bosque ouvindo o encadeamento dos sons da natureza, sendo sons e sentidos significados, cercado de detalhes e cores com o objetivo de lhe provocar reação e atingir resultados mais amplos e concretos.

Ao ler os textos o leitor sente a revoada das aves, de sons diretos e simples, em imagens justapostas, uma promovendo o



aumento da história da outra. Nada é mais interessante do que o poder da imaginação para conquistar os sonhos e fazer valer a liberdade. Na leitura ele passa a participar de detalhes curiosos e poderosos, como no sofrimento, no amor e na superação, cada vez mais presente em suas conversas pela abordagem contextualizada. Como demonstra Pedro Du Bois, “... *O verso se transforma na voz do leitor / na entonação do leitor / na interpretação do leitor / no que o leitor aprende.*”

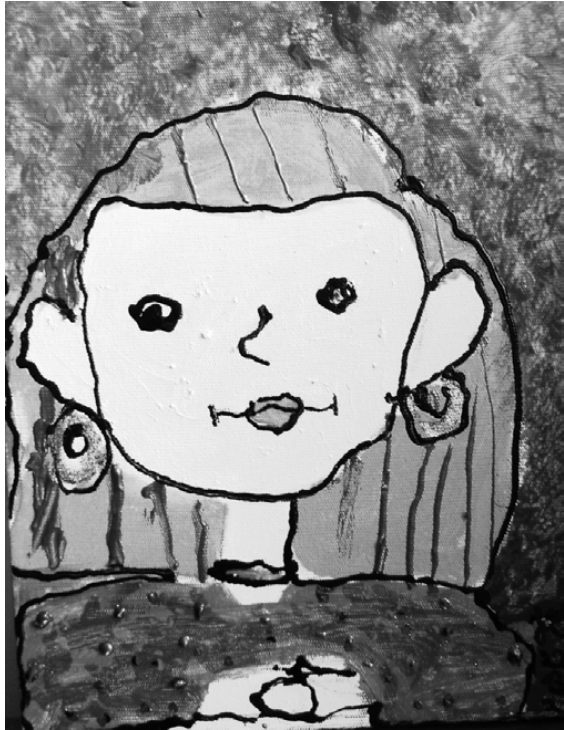
Por outro lado, o escritor sabe o quanto o mercado é rico e raro em termos de alcance ao público. Os livros acabam se transformando em espécie de vitrines: todos veem, poucos leem e menos compram. Mais uma vez o leitor se entristece porque, apaixonado pelos livros, procura viver os acontecimentos que o traz aos dias de hoje tendo o livro como panorama imaginário. Acredita estar a sociedade sendo esmagada nas entrelinhas.

Quantos escutam a voz do leitor?



A VOZ

“A voz traz recordações das horas”
(Pedro Du Bois)



AS VOZES

*“ ... Pronunciei as palavras mágicas,
as palavras secretas que nos uniam
e abriam caminhos do amor...”*
(Carlos Higie)



VOZ e VOZES

Ainda ontem ouvi uma voz dizer: *acabou a certeza. Tem certeza?* A voz expõe e reflete sobre um mesmo espaço e em momentos com diversidade, na maneira de expressar.

Nas vozes de:

João Cabral De Mello Neto, “*As vozes que não soam, as que ficam no anonimato, como se fosse “escrita sem fala”, refletiria em uma sociedade de iletrados e analfabetos.*”

Marcus Accioly, “*...Há outras vozes (sim) na natureza / tudo é linguagem que se fala e ouve: // o vento canta como um homem ébrio / o mar soluça feito uma mulher // e os poetas aprendem essas vozes...*”



A VOZ da MEMÓRIA

A memória é o relato da reflexão sobre os fatos e atos marcados pelo sentido provocativo de vontade e significações, mas retomada no antes e agora. Na voz da memória, a lembrança é a que mais dói, depois a saudades.

Nas vozes de:

Gilberto Cunha “... *A capacidade humana de elaborar conceitos depende de memórias. É a partir delas, numa espécie de elogio da imperfeição, que construímos conceitos de objetos...*”

Clauder Arcanjo, “ *As lavras da infância / incendeiam o meu presente. // ...Nas portadas do tempo, / explorações da memória, / uma palavra ficou sobre mim. / Dura, pura, mas quieta, presa e calada. / e eu a carregar todo este monumento / de ecos. Vozes que quase me embalam*”.



A VOZ do RISO

A voz do riso ultrapassa os limites e formas: máscara social (riso da malícia, da alegria, do humor, do erótico e sarcástico).

Nas vozes de:

Pedro Du Bois, “*Celebro o riso frouxo do outro dia / sorriso largo de quem tudo podia...*”.

Angélica Alms Tadter, “... *Os sentidos revirados / E estampados no rosto, o riso é vazio?...*”



A VOZ da POLÍTICA

Nesse caso, a conquista de um visual é verbal: um mito ou um homem de infinita sabedoria? Um discurso como narrativa, para compreender o mundo atual? A medida verbal é a voz destemida.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, *“o canto terá que ser / à moda do cantor / se não o canto que canto / não terá nenhum valor / por isso canto sem medo / o medo que a gente sente...”*

Marina Du Bois, *“Para construir um mundo novo é preciso que todos estejam com vontade de viver num mundo melhor”*.



A VOZ da PEDRA

A pedra, concreta define o tempo. Sem medo revela nossas vidas: um retrato fascinante da história.

Nas vozes de:

Donizete Galvão, “... *Quem não percebe na pedra, fragmento de cordão umbilical, / o despojo deixado pelos deuses / na luta que inaugura a geografia?...*”

Carlos pessoa Rosa, “*tudo segue / da periferia ao centro / a rigidez, a dureza e o peso / tem no rosto / a pedra fria do deserto / na alma / o interior escuro das rochas ...*”.



A VOZ do MAR

A voz do mar não é narrativa, mas fascina vidas. Frequentamos a praia como espectadores do mar. O mar murmura o presente quando nos banhamos; o passado com as histórias dos pescadores e o futuro que buscamos de suas águas a inspiração.

Nas vozes de:

Álvaro Mutis, “...*Debruçadas n’água / ri-se da desordem provocada / e seu sorriso, / com a tênue tristeza que o empana, / suscita a improvável maravilha: num presente de exata plenitude...*”

Eduardo Barbossa, “...*no reflexo do mar / percebi sua real natureza / e ri de minhas escolhas.*”



A VOZ da PAREDE

O imaginário e a palavra, essa justaposição de sentidos se coloca lado a lado ao mundo das paredes. Um interior que se escancara quando o que se ouve não é o que se vê.

Nas vozes de:

Eduardo Barbosa, “... *tateio paredes / em busca de interruptor / que ligue a esperança...*”.

Leila Mícolis, “...*Às vezes, / figuras nos muros grafitam: / outras, / em torno das portas gravitam. // E sempre que se vão, / atravessando tijolo, / concreto, cimento e cal, / nos deixam a confirmação: // - nenhuma parede é real*”.



A VOZ do VENTO

A voz do vento demarca o tempo, daquilo que passa e fica; ontem e hoje; começo e fim. O som em movimento de ida e volta.

Nas vozes de:

Carmen S. Presotto, *“resedinho o cotidiano // pontos / e tramas // -corda absurda- / me ouço em outros poemas / feito sussurro ao vento”*.

Carlos Pessoa Rosa, *“farfalham / palavras nos varais / experimento / um frescor frio / nos lábios / o vento / agita poemas em meus dentes”*.



A VOZ do NOME

O nome é referência, identidade, uma fala que revela o ser: jogo verbal. Ao chamado, o som como identificação o nome se expande. Cada pessoa tem um nome. Cada objeto tem um nome. Eles se completam.

Nas vozes de:

Mia Couto, “*..Eu só sou na tua presença. E só me tenho na sua ausência. Agora, eu sei. Sou apenas um nome. Um nome que não acende senão na tua boca.*”

Pedro Du Bois, “*Tem o nome carregado / na voz com que repete / o som da lembrança*”.



A VOZ do SILÊNCIO

Esse silêncio reflete em nossa vida como ausência da voz, onde o sentimento toma conta e o olhar assume sua postura. Nesse sentido encontro a dinâmica da pintura. Encaramos o processo de criação com as imagens e a configuração poética: descrição de uma vista em movimento.

Nas vozes de:

Benedito César Silva, *“No silêncio azul / Do céu, / Na clara luz, / Ponho-me a vagar / Sem rumo...// Você em meu pensamento / Toma de assalto o meu silêncio / Em devaneios multicoloridos / O céu avermelhado em paixão...”*.

Vanessa Vieira, *“A natureza quando cala / pede para que a escutem, / Pois sabe que o silêncio / é a voz no mundo dos sentidos. / Que o sentido é o mundo / e que a natureza é o sopro de voz do silêncio. //...OUÇAM // OU // ÇAM // Porque sentido Com Vida (é) viver”*.



A VOZ do RELÓGIO

Há laços de semelhanças quando se pensa nas horas. Todas parecidas em seus uniformes idênticos, que configuram a repetição do tempo. A diferença, por vezes, permite-nos imaginar diversos sons.

Nas vozes de:

Miguel Guggiana, *“o relógio / com seu tic tac / nos alerta sobre o tempo / que não volta...”*.

Paulo Leminski, *“relógio parado / o ouvido ouve / o tic tac passado”*.



A VOZ SURDA

É a apropriação das cenas do filme: imagens e clichês como referências as frases. Passa por expressões corriqueiras do dia a dia.

Nas vozes de:

Lêdo Ivo, “*Quantas vozes tenho / quando estou calado? // Meu silêncio é a minha voz vinda do outro lado // onde a escuridão / dispensa as palavras // a fala espantada / de quem sabe e cala*”.

Getúlio Zauza, “*Sou poeta. Sou cantor. / Canto a vida. Canto a morte. / Canto alegria, canto dor, / A tristeza, o azar, a sorte. // Não há força que me cale, / Nada que me ponha medo...*”.



A VOZ EDUCADA

É a menção com um voto gentil. São expressões abstratas que incorporamos a cada momento de nossas vidas.

Nas vozes de:

Gaston Miron, *“Peço desculpas aos poetas que pilhei / de vários países, antigos e presentes, as palavras.../ há palavras que são seu próprio fio condutor do homem / Obrigado”*.

Maria de Lourdes C. Mallmann, *“fácil é dar a mão.../ sorrir, fazer um favor, / prestar ajuda, um “pois não” / ser gentil, / mostrar amor...”*.



A VOZ do POEMA

Nesse jogo de palavras: o poema há o som da exacerbação marcado pela possibilidade do olhar e pelo desejo dos trocadilhos visuais legendados verbalmente.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, “... *quero um poema para os dias / para as noites de angústia / quero um poema sem algemas.. / quero um poema para ser cantado...*”.

Jorge Tufic, “...*esta palavra é palavra, / despojada do seu tema, / vem outra; agora são duas, / terminam juntas o poema*”.



A VOZ ABAFADA

A voz viva, sensação desagradável de grito calado: entramos com os sentidos e a vida com os destinos. É pertinente gritar as necessidades ou, simplesmente, incorporá-las ao dia a dia.

Nas vozes de:

Paulo Monteiro, *”...no silêncio / escutamos o barulho dos corações / na pulsação dos medos escondidos...”*

Nilto Maciel, *”...Menina, tua fala / que escuto calado / me abafa, me cala, / me deixa abafado...”*



A VOZ do HOMEM

Ouvíamos o homem de ontem que não é o de hoje e não será o de amanhã. A releitura de cada um será a lembrança da voz, sob diversas perspectivas, sempre através da palavra: as vozes soam...

Nas vozes de:

João Cabral de Mello Neto, “... *falando alto imagina / que emoção sobreposta é a boa. / Em disco, a voz desconhecida, / que nunca berra nem cantoa, / da voz fria do poema impresso / em nenhum momento destoa*”.

Nilto Maciel, “*Alguém cantava. / Onde está o rádio? / E a voz do cantor? / Não, agora fala o locutor. / Tagarela sem parar. / Olho para o nada. / Faz silêncio. / O locutor talvez tenha dormido, / repentinamente, / embriagado com a própria voz...*”



A VOZ da CONSCIÊNCIA

A voz da consciência é, completamente, dona das incursões experimentalistas saborosas, de um conjunto de saber e conhecimentos – ou não – apenas elabora destinos: emoções, sensações, convicções e seduções a que rendemo-nos para concordar com sua importância.

Nas vozes de:

José A. Arce Mejia Filho, *“Voz da consciência: / foz de rios escorrendo por dentro / toda a substância sanguínea / da essência da existência / em correntezas / vigorosas, virtudes e vicissitudes / banhando o passado / com o futuro da alma...”*.

Gilberto Cunha, *“...A missão do intelectual é trazer à tona reflexões sobre o mundo, a vida, o ser humano e a sociedade de modo geral. Servindo quase como uma espécie de consciência da humanidade...”*



A VOZ do CORAÇÃO

Sempre é tempo para ouvir a voz do coração e descobrir o próprio desejo: que o amor acende a luz e oferece, através do diálogo, a chance de nos sentir amados. É o sentimento com som de felicidade e dom da palavra.

Nas vozes de:

Marina Du Bois, *“Teu amor / me faz forte e / me enfraquece. / Descompassa o meu coração / ao mesmo tempo que enternece //... só de pensar me dá um frio / e, neste momento, nem sinto mais / os meus batimentos...”*.

Leila Mícolis, *“Meu coração nunca para / pra comparar, solta amarras, / vive seu tempo presente: / se ferido, em mim se ampara; / mas quando sara e se sente / contente, / fica eloquente, / feito algazarra de araras”*.



A VOZ da EXPERIÊNCIA

Os idosos tem a voz da experiência: a história se repete. O futuro das pessoas está em ouvir a voz da experiência, que nada mais é que o som revelador da esperança.

Nas vozes de:

Pedro Du Bois, *“fala assuntos variados / discute / discorre / desfruta das palavras / em frases // junta os fatos / em verbos de ação // testemunha o que está escrito / dá fé // repete em público o saber / acumulado em investigações / e no suave piscar das pálpebras // tem a receita do que será dito / e conhece as razões do silêncio”*.

Gilberto Cunha, *“... Ter opinião é algo inerente ao ser humano. Isso significa que o “indivíduo A” pode ter uma ideia diferente do “indivíduo B”, sobre determinada coisa. E, de qualquer forma, não implica em que A ou B sejam os donos da verdade...”*.



A VOZ da IMAGINAÇÃO

O mundo sonoro da imaginação é um mundo sem limites, onde a voz atua, representa, conversa e discute.

Nas vozes de:

Lêdo Ivo, “... *Já não preciso escutar / as vozes que me rodeiam. / Comecei a ouvir o silêncio / que desce do céu mudo. //... Tudo era imaginário...*”.

Carlos Alberto Lima Coelho, “*Na imaginação / Em teus mares / Naveguei / Nas ondas da emoção / Aportei / Nas palmas / De tuas mãos / Chorei / Para olhar o Desterro / De minha cidade / E amei*”.



A VOZ do PÁSSARO

Existe coisa melhor a fazer do que passar a tarde embaixo de uma árvore ouvindo o canto dos pássaros?

Nas vozes de:

Eduardo Barbosa, *“Sua rua tem árvores / Flores em variedades cores / uma brisa fresca no verão / Pássaros cantores, colibris e sorrisos...”*

Gilberto Cunha, *“Nos prenúncio da primavera... mesmo no centro de Passo Fundo, pouco antes do amanhecer, já era possível ouvir o cantar dos sabiás. Afinal, para quem os sabiás cantam?...”*



A VOZ do JURAMENTO

A voz do juramento é reflexiva, ela analisa a criação de conteúdo e os conceitos utilizados como base para buscar um resultado.

Nas vozes de:

Hugo Mund Junior, “... *Através do símbolo flui a chama / do divino ao humano, / formando a linguagem / do juramento, comunhão efetiva / do mundano e do transcendente...*”.

Paulo Cristovão de Araújo Silva Filho, “... *o mecanismo de proteção da unicidade e, pois, de estabelecimento da estabilidade das relações sociais e da segurança jurídica, é a definitividade das decisões judiciais...*”.



A VOZ da PALAVRA FINAL

Na palavra final o importante é dosar os extremos, lidar com os limites e dar forma aos objetivos. A palavra final traz mudanças e definições para o futuro.

Nas vozes de:

Alcides Buss, *“A linguagem, porém, / nos veste de sim / e de não. // Falamos a língua / partidas, que nos une / sem união”*.

Júlia Du Bois Araújo Silva, *” Existe uma palavra / uma palavra tão linda / que sem ela / a vida não teria amor / essa palavra / é cativar”*.



VOZES SOLTAS

É o retrato dos que partiram em busca da palavra para revelar o pensamento, a ideia é nos deparar com notáveis historiadores, críticos, contistas, poetas e romancistas.

Ao ouvirmos as vozes soltas dos escritores, desvendamos os segredos das palavras e nos comunicamos com a linguagem da liberdade. E, magicamente, o soar das vozes nos leva a vivenciar momentos e emoções, com tal importância, que mudam nossas vidas.

Nas vozes de:

Cláudio Schuster, *“Jogo as palavras / pro ar / em bando / voam / poesias”*.

Nílto Maciel, *“Porque suas palavras vieram voando dos olhos, correndo nas batidas do coração, deslizando no suor da pele, cantando na carícia de todo o corpo dele, eu me fiz nuvem e desfiei-me ao seu chegar...”*.



VOZES ALTAS

Dúvidas sempre nos atormentam, por diversos desafios e conflitos, podem gerar gritos. Nessa hora é bom reconhecer que essa atitude afasta a segurança e a tranquilidade. Cabe conversar, esclarecer e superar os gritos, porque em geral, não são escutados.

Nas vozes de:

Cassiano Ricardo, “*..Em vão falo em voz alta, subo a uma árvore, / quando tento contar o meu segredo. / Mal secreto inconfessável, // mas o que fica em nós como um rochedo. / E quanto mais gritado menos se ouve*”.

Jorge Xerxes, “*Quando eu gritar / com toda a sonoridade / De uma borboleta / Será que você vai me ouvir?...*”



O REFLEXO das VOZES

*Espelho, espelho meu, existe voz
que reflita mais do que o Projeto Passo Fundo?*

O reflexo das vozes é o Projeto Passo Fundo; *site* que faz a diferença por oferecer, entre tantas formas de cultura, a literatura. É contato legítimo com a cultura. Reflete autores, épocas e estilos em diferentes obras. Não se limita em apenas apresentar os escritores, também faz uma explanação refinada, imparcial e absolutamente transformadora ao refletir as vozes dos autores do passado, presente e projetar as do futuro.

Na verdade, o *site* se apresenta com sucesso: revelador e transformador que ocupa lugar de destaque na cultura. A conquista deve-se à dedicação do Ernesto Pedro Zanette, com seus colaboradores; mas, muito mais ao idealizador do Projeto por ser o suporte na importante divulgação e no reconhecimento dos autores/obras, o que nos transmite a certeza de que podemos continuar produzindo para refletir as ideias e os ideais do Projeto.

Na voz de Júlio Perez, “*o Projeto Passo Fundo é um portal da internet sobre tudo o que produz em cultura em Passo Fundo, RS. Fotos, imagens antigas e atuais, relatos históricos, biografias de personalidades locais... Se destaca em reunir a produção literária local, aproximando os autores da cidade*”.

As postagens são ações e pensamentos em contínua reflexão, sobre o que e quando as luzes da razão e da emoção fazem com que as ideias se entrelacem com a realidade e, de alguma forma, o leitor, o participante e o colaborador sente o reflexo da história, da criação e da possibilidade de mudança.

O Projeto Passo Fundo é reflexo das vozes na imagem lin-



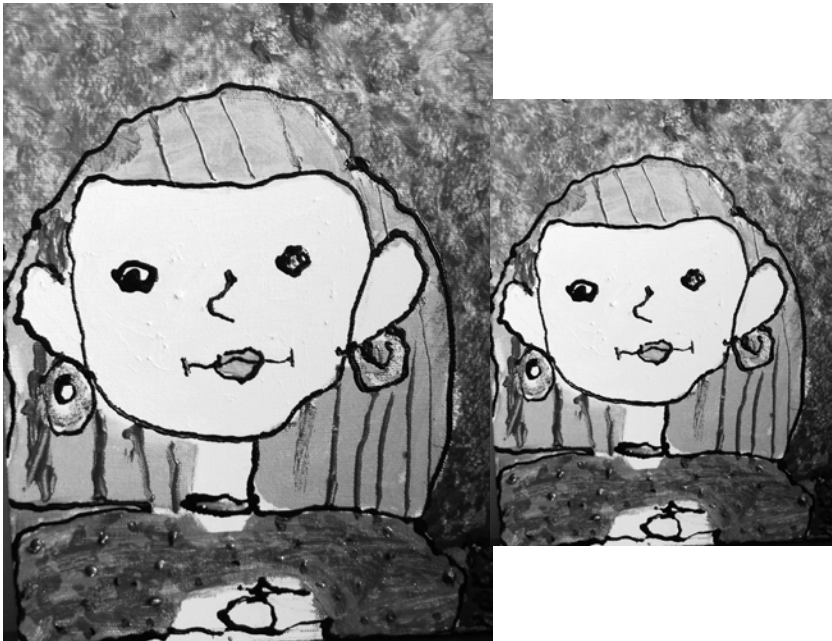
guística, artística e histórica, correspondendo a cada sentimento em seus movimentos, tornando-se único no imaginário dos leitores. Quanto mais nos dedicamos a ler e escrever para o Projeto, mais descobrimos as vozes do tempo, desafiando-nos. Ainda em Júlio Perez, *“o Projeto é justamente isso: ele faz o resgate das obras dos autores que já não estão mais entre nós, através da digitação de livros antigos e a disponibilização para consulta e aquisição em formato e-book; ele patrocina o lançamento das obras dos autores vivos e ele prospecta novos autores, através da disponibilização dos seus escritos no portal do Projeto – www.projeto passo fundo.com.br. E não só: além de ajudar na publicação das obras de Passo Fundo, o Projeto as faz circular, através da empresa amiga da cultura, do clube do livro, do Google Livros e do domínio público do MEC.”*

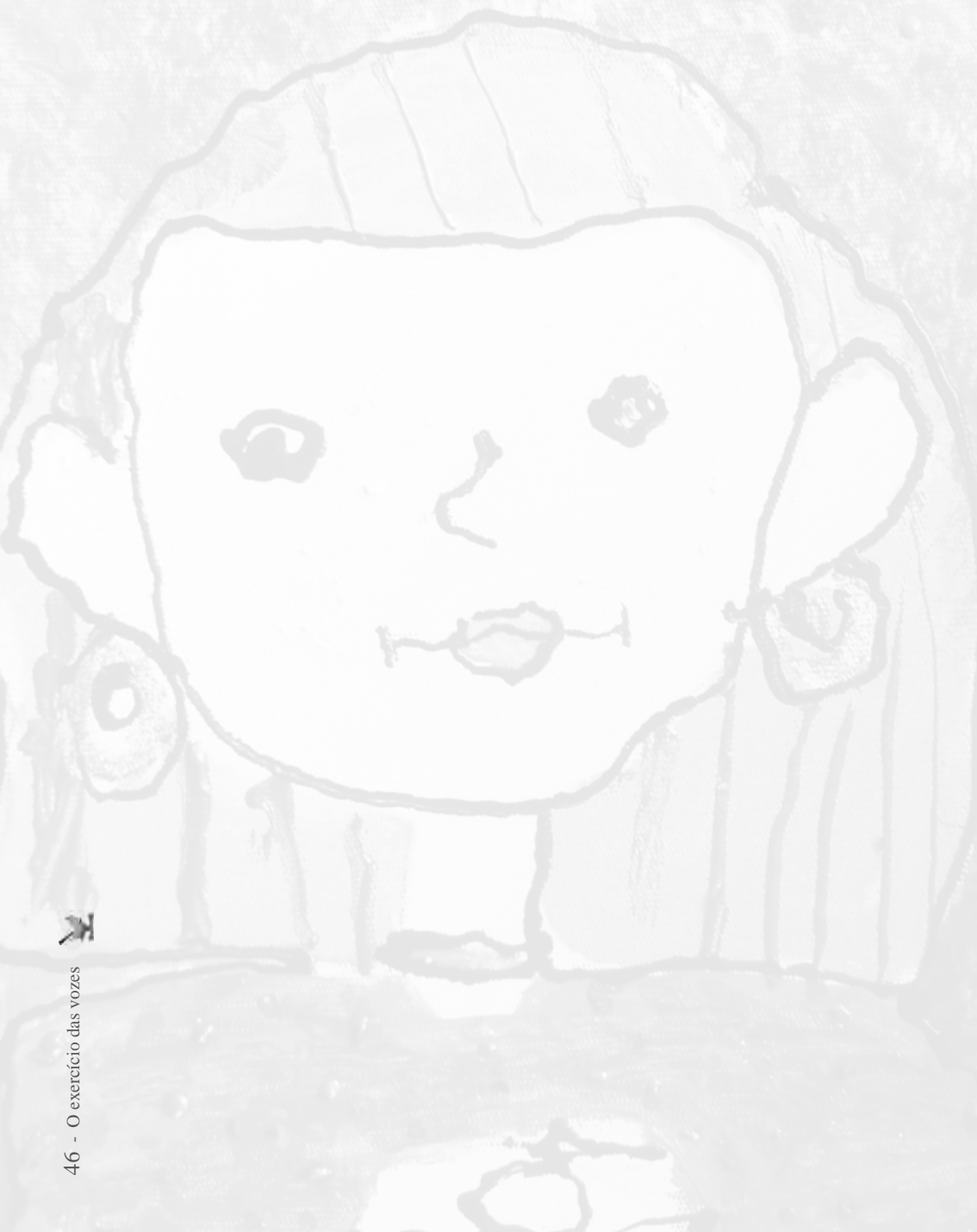
O reflexo das vozes: Projeto Passo Fundo, merece aplausos e *“ganhar o mundo”* fazendo arte e mostrando a diferença em nossos dias e em nossas atitudes ao considerar o passado no presente, para transformar o futuro. É *site* de vozes criativas, que refletem no seu espaço talentos cultivados com liberdade, refletindo pensamentos tornados realidade.



O EXERCÍCIO das VOZES

*“Meu exercício é inventar-me e não me invento /
senão para esperar nesta sala / eu me escute calado a celebrar /
a magia da minha própria fala...”*
(Foed Castro Chamma)





Da VIDA, os RUÍDOS

Sempre escuto, em toda a parte, a repetição do óbvio. Não quero ouvir o sermão das longas caminhadas, onde os homens continuam se iludindo. Quero mesmo é ouvir o som dos apaixonados, dos poetas, da noite chuvosa, da porta se abrindo e dos ritmos que não imagino: os ventos ao abismo dos ruídos, como demonstra Helena Kolody, “*O vento harpejava, / pianíssimo, / nos fios telegráficos. / A tênue onda sonora / vibrava na luz do dia. / Abelhas de sol zumbindo na tarde quieta.*”

Quero ouvir as vozes da juventude e dos pássaros ao conversarem sem medo de lembrar os ruídos da vida, como em Stella Leonardos, “*...Que ritmo o que me rege? / Porque vozes me abalam / na inquietude que levo, / ...nas estradas que falam, / no meu sonho disperso...*”.

Conversar? Tudo escuto e nada compreendo. A vida se apresenta assim, ouço os ruídos e persigo imagens poéticas. Por isso, meu coração se intromete quando vê a bailarina passar e o seu corpo dobrar no palco do entardecer, ao som do luar. Segundo Pedro Du Bois, “*... a bailarina / estática / na cena / imóvel // no estupor da plateia / o aplauso / se espalha / no inusitado*”.

Retrato-me aqui, preservando a bailarina esculpida em seus passos, seus ruídos, seus rumos e na sua originalidade ao anunciar revela-se ao som da orquestra e dos aplausos. Sonia Regina escreveu, “*não há canduras em névoas / mares não rugem...// O sax desamarra fitas e laços // pés apalpam, da vida / mais que o rigor. / e experimentam // dançam nas asperezas aplainadas...*”.

Por aqui estou porque tenho voz, no entanto, escuto sorrisos, crianças e ruído dos gritos. Nas palavras de Artemio Zanon, “*este ruído / de coisas machucadas / é a imagem morrente / da*



sementeira / pronta a se manifestar // Este ruído é brocar das raízes / possuindo a terra...”.

Choro a dor da liberdade quando vejo a bailarina em sua ascensão fazer um único voo e cantar uma só vez, então revoou para o canto das lamentações para ouvir a voz no silêncio e os ruídos da vida.



SILÊNCIO

O silêncio é fonte de inspiração? Muitas vezes o comportamento tem formas impactantes que lembram a inspiração, como bem tratou Carlos Higgie, “... *O silêncio é terapêutico. / O silêncio é um grito afogado. / É o afogamento do grito. / É a raiva sufocada. / A maldição do barulho... Tinha plena consciência de que as coisas estavam mudando, que o silêncio estava se perdendo, afogado por sons diversos, pelos gritos imperativos da realidade*”.

O gesto silencioso é o reconhecimento da nossa excelência, como suporte para manter vivo o sonho e imaginar o que sentimos quando separados pelo tempo, mas, juntos na paixão e no espírito para construir a história e, por influências, relacionar o interior com o exterior, tornando-os atrativo em determinados momentos, fazendo de nós o espaço onde o pensamento levita. Carlos Vogt mostra que “*o silêncio é de moscas ausentes, / completo, geral, irrestrito, / por isso, de ouro, / quebrado apenas pelo atrito / com o silêncio do outro.*”.

Não é de hoje que o silêncio é considerado instigante; sequência de momentos expressada de diversas formas pelas pessoas. Não falam para fazer jogo de cena ou porque estão preocupadas consigo mesmas ou construindo uma história, uma lembrança, como a trama envolvente e repleta de referências ao momento do acaso, nas palavras de Carmem Silvia Presotto “... *Silêncio / que arquiteta o sonho...*”.

O silêncio ao arquitetar o sonho tem por objetivo *treinar* o olhar na medida do tempo, com novas ideias, e refletir sobre as novas experiências culturais, como os poemas de Paulo Leminski, “*no centro / o encontro / entre meu silêncio / e o estrondo.*”; Ar-



mindu Trevisan, “*Do silêncio nasce a palavra*”; Lindolf Bell, “... *tudo sobre a verde palavra / toda inteira / como um silêncio*” e Antônio Rosa, “... *tudo o que no silêncio nasce / e morre sem cessar. Talvez / renasça no poema.*”

O silêncio é forma de sobrevivência? Somos conhecidos por criar formas de sobrevivência e em nos tornar objeto na arte de viver, desvendando o silêncio através da escrita que, além de nos desnudar, seja nossa tradução literal; uma das tantas maneiras de viver, criar fatos, deixar parecer irreal o real e, talvez por isso, o silêncio se aproxime tanto do universo poético. Como demonstram os poetas Pedro Du Bois, “... *procuro o barulho / que alivie minha alma / cessando o silêncio... // quero o vento trazendo/ ondas sonoras/ e o cantar dos pássaros...*” e Lêdo Ivo “... *Segredo e silêncio / são engano e vento*”.



PINTAR TAMBÉM É ESCREVER

“Sombra da obra / nova / projetada / sobre a cultura / anterior / obscurece / engloba / transforma / ilumina”.

(Pedro Du Bois)

É preciso compreender o fundamento e o significado da nossa identidade, e o contato com a arte favorece o processo de reordenamento espiritual – nossa consciência a respeito do que somos e do que queremos. Ela também nos enriquece culturalmente, revelando os sentimentos, os comportamentos e os valores: o que é visto, sentido e discutido. Como demonstra W. J. Solha, *“... Palavras, Words, / Palavras! / Pode-se encher com elas um bosque de criaturas / como as dos quadros de Bosch. //... Miguelângelo a pôr chifres no Moisés, não luz //... E espalham-se - com os navegantes, por terras / nunca vistas antes – naturalistas / com mestre do bico de pena, pintores, / aquarelistas...”*.

Os poetas produzem belos poemas e os pintores mostram “*belas cores*” que o mundo tem. A arte de pintar, que também é escrever, adquire poder imaginário que contamina o pensamento e o traduz em imagens, cores, ideias e em ideais da sociedade. Segundo P. M. Bardi, *“um pintor de talento é sempre um escritor”*.

Os artistas plásticos possuem a forma velada das cores que se incorporam em jogos de formas delas oriundas com que criam os seus trabalhos. Como disse Paul Klee, *“A cor me possui não preciso conquistá-la. Somos uma só”*. Ele conciliava arte e música; possuía em seu ateliê, no lugar das telas, partituras; transformava a palavra e o gesto. Segundo ele, a função da imagem seria exprimir um sentido, como em Murilo Mendes, *“Qual a forma do poeta? / Qual o seu rito? / Qual sua arquitetura?”*

Pintar é *conhecimento* que, quando revelado, no segredo



das formas nos impõe a condição de observador, para que o espírito e a inteligência se relacionem na sua leitura. Pintar também é escrever o que, por vezes, gera inquietação e chega à realidade que faz do artista, criador com sensibilidade para exprimir em palavras, traduzir as cores e as formas.

A arte ilustra a nossa vida e nos faz entender mundos quase inatingíveis. Mas é na leitura cuidadosa e penetrante, que tenta dizer da impressão com que produz a partir do que “*lemos*”, ao vê-la.

Destaco Miriam Postal, artista plástica de Passo Fundo (RS), que usa a força criativa para transformar sua produção em imagens que resgatam a brasilidade, marcando o encontro entre a diversidade das linhas no reproduzir registros que tocam nosso coração e proporcionam a reflexão. Vejo em sua obra o compromisso com a sensibilidade e a revelação da criatividade, na trajetória do momento marcante à margem da arte, em que sentimos o desejo de liberdade provocado pelos movimentos dos traços e do equilíbrio entre as cores e a beleza estética. Encontro cultural capaz de condensar as aspirações com que a sua arte ganha ressonância em nossa memória.

É preciso encontrar tempo para contemplar e perceber que a arte está em nossa volta para a manutenção da vida; que traz a voz que renova a palavra, passando pelo processo de transformação, em sempre conservada unidade de natureza poética.

Percorrer os caminhos da arte é vivenciar e apreciar o elo criativo entre obras de períodos diversos. As imagens e as cores espreitam o momento para romper os limites e extravasar a imaginação através do espaço e tempo.

A presença dos artistas em nossa vida representa o subsídio para reconhecer por outras vias, que pintar também é escrever, como bem escreveu Benedito Cesar Silva, “*Ela é uma flor. / Como pode? / Não tem a beleza, a suavidade, nem / mesmo a cor. / Como pode? / Não se chama Rosa, Margarida, ou Hortênciã. / Serão os espinhos? / A amargura, o ressentimento, o desdém, o tempo fixou. / Se nem mesmo a essência, / como pode? / Ela é uma flor. / A linguagem a transformou*”.



"O VERDADEIRO ANALFABETO é AQUELE que SABE LER e NÃO LÊ."

Quanto tempo você tem para ler no seu dia a dia?

ANA: arruma tempo no dia em que não trabalha para praticar esportes, ver os amigos, ir ao cinema, mas... ler?

JOANA: começou a praticar ioga quando sentiu que estava faltando alguma coisa na sua vida; mas... ler?

DÓRIS: leva a vida a caminhar, vai trabalhar e, depois volta para casa e pede comida; mas.. ler?

RUTH: se sai mais cedo do trabalho, faz massagens, senão vai direto jantar e dormir; mas.. ler?

JOÃO: nas horas vagas, primeiro assiste futebol na televisão e depois vai correr; mas... ler?

Sejam quais forem as razões para não se ter o gosto pela leitura, constato que todos reclamam não ter tempo para mais nada além das atividades cotidianas. Como diz Manoel de Barros "*Todo mundo se ocupava da tarefa de ver o dia atravessar. Pois afinal as coisas não eram iguais às cousas?*"

Podemos dizer que cada um tem uma incrível vida dentro de "caixas", porque, para sentir da vida mais do que ela nos oferece, seria bom caminhar ao lado da literatura; um bom livro retribui a você todo o tempo que lhe foi dedicado (geralmente faz as vezes de uma bela companhia), principalmente, quando fala de poesia. E mesmo assim, sentimos sem perceber a sua influência nas novas expressões adquiridas.

A dedicação à leitura leva-nos a transformar as informações em conhecimentos úteis e apaixonantes. Helena Kolody diz, nos poemas, *SIGNIFICADO*, "*No poema / e nas nuvens / cada qual descobre / o que deseja ver*" e *HOJE*, "*Momento a momento /*



muda o mundo / a vida acontece / germina o futuro”

Resumindo, resta-nos a esperança de mudar, de apreender e de aprender a temperar melhor o nosso tempo. O importante é permanecermos sempre com o sentimento de sonhar e acreditar que a leitura irá nos trazer sabedoria e prazer.

Permitimo-nos desfrutar da deliciosa sensação da leitura, saboreando o livro *A Duas Vozes - Hannah Arendt e Octávio Paz* - de Eduardo Jardim. O livro descreve que a voz de Octávio Paz é a do amor e da poesia, *”A arte de criar imagens que aproximam ou conjugam realidades opostas, indiferentes ou distanciadas entre si, é própria do poeta e do pensador...”*. E, Hannah Arendt expressa seu pensamento e a sua ação, *“O principal recurso linguístico do pensamento é, sobretudo a imaginação – a base de todo empreendimento compreensivo... Com certeza ele tem a ver com o lidar com a linguagem, com a capacidade de libertar as palavras das teias de significados usuais e com a descoberta de conexões inesperadas entre elas...”*

Lembremos sempre de Mario Quintana, ao escrever *“Que o verdadeiro analfabeto é aquele que sabe ler e não lê”*.



PALAVRAS (MAL)DITAS

Um mundo pontuado por informações instantâneas me faz pensar na articulação intelectual e oratória, e me remete ao valor da palavra (mal) dita das histórias narradas pela televisão. Pulando os canais de TV entre um jornal e outro, ouço descrições absurdas, como nessas frases: “*Morreu o maior escritor português vivo*”; “... *vai ajudar a divulgação internacional, lá fora*”; “*Movimentos, balanços movimentados*”; “*Os médicos interessados devem ter registro médico*”; “*A bola saiu para fora*”; “*A notícia saiu no jornal local daqui*”.

Palavras ditas! Palavras escritas! Palavras (*mal*)ditas! Como “*A hora dos maus dizeres...*”, de Nilma Gonçalves Lacerda.

O ato de escrever nem sempre comporta respostas. Muitas organizações têm por fonte de inspiração a mensagem que expressa forma de ação. A humanidade se singulariza em constante mudança na busca do contato verdadeiro com algo que a faça sentir-se realizada e completa. O importante é entender em profundidade algumas ideias e não chafurdar em erros.

A televisão em sua trajetória por vezes dá a oportunidade de conhecer um pouco mais sobre os fatos, desde que sejam desvendados com sabedoria e objetividade. O mágico (trágico?) mundo das notícias poderia facilitar a vida de quem dispõe de pouco tempo, mas o ideal seria que a elaboração fosse apresentada como obra de arte.

É o caso de Otto Lara Rezende, sempre lembrado como genial frasista, que ficou conhecido pelo espírito ágil e capaz de criações instantâneas. Foi o autor de frases que fizeram história, como: “*O mineiro só é solidário no câncer*”, a mais famosa das suas frases, celebrizada por Nelson Rodrigues, na peça “*Boniti-*



nha, mas ordinária". Otto faz ironia com a sua terra natal, do que só os mineiros são capazes.

Frases são palavras ditas. Basta uma frase para conciliar a ordem, assumir um ato e dizer, como Letícia R. Ferreira que "*A poesia faz de cada palavra um centro ao somar ao seu sentido frasal*", ou, como Orides Fontela, para quem "*... Fatos são palavras / ditas pelo mundo.*"

Este simples e pequeno registro é para ir além, porque é importante trabalhar para alcançar a realização plena e deixar cada espectador viver momentos de sabedoria, aceitação e alegria, atendendo à necessidade básica de descobrir mais sobre os fatos.

As palavras ditas, vistas de várias maneiras, apresentam o que há de melhor sobre a vida, na possibilidade de serem mudadas todos os dias, atendendo aos dizeres de Lindolf Bell: "*Palavras são seda, aço. / Cinza onde faço... me refaço*".



NÓS & NÓ(S)

“... o tempo não pode viver sem nós,
para não parar.”
(Mario Quintana)

Lendo alguns poemas, percebi que certos poetas gostam de desamarrar a linguagem. Desbravar caminhos sem medo de assumir a poesia, como Pedro Du Bois, “*desfaz os nós / desamarrar / solta / na liberdade do corpo / dança / anda / corre / no livre pensar / esconde as razões // refaz os nós / amarra / prende / o corpo ao começo*”.

Na essência para transformar os nós, em nós, Helena Kolody no poema os “*Nós*”, revela que “*Fomos duas árvores castas. / Não misturamos as raízes. / Apenas enlaçamos / os ramos / e sonhamos juntos*”.

O que leva o leitor a acreditar que mudanças são necessárias, desde o trabalho de criação até os principais feitos da vida: a esperança num universo de valores únicos, como se o tempo fosse transformado para nós e tudo que está em volta “*De Nós // pelo poço sem fundo / chegamos ao nada / porque somos ecos / (não imagem) / e o mergulho fatal / nos retorna à origem*” (Pedro Bertolino)

Nesses poemas que são, sobretudo, um ressoar, os poetas colocam em xeque as indiferenças que registram no cotidiano. “*No meio da palavra / o nó // o meio da palavra / no pó // No coração o nó // Na garganta / o nó // Entre meu olhar / e teu olhar / o nó / na-valha...*” (Lindolf Bell)

Pergunto se “*Neste Embrulho de Nós*” (livro de Marco



Aqueiva), no ressoar os sonhos, os nossos filhos e netos ressoarão por nós. E Lindolf Bell responde que, “*Existe em nós não o novo / mas o renascido. / Pesamos por isto as verdades / sobre a balança sem pêndulo*”

Os poetas com seus talentos abrem caminhos para todos. Mário Benedetti, em “*Quem de Nós*”, revela uma história de amor, entre três amigos.

O amor, sempre o amor, desembrulha os nós, porque a relação amorosa leva à imperfeição e, por isso, respeitamos as diferentes maneiras de pensar. E como precisamos uns dos outros, compartilhar com os escritores no tempo em que cada um de nós instiga quem os lê, no descobrir as diversas facetas das atitudes de nós e dos nós, como passaporte para existências sem percalços.

Quem de nós, ama a verdade? Vive o amor eterno? Sonha com as palavras? Acredita em si? Os *Nós* estão feitos!

Alphonsus de Guimaraens Filho publicou seleção de poemas, reunindo três livros inéditos, que intitulou *NÓ* e, neles, encontro. “*Por que fizeste de mim um nó? / Por que ao só / adivinhá-lo, sem desfazê-lo, / todo estremeço? //... Dize se estou! / Dize se tudo / não é só / este crespo, irritante nó...*”

Costumo dizer que o tempo é pouco, porque quando estou lendo poemas não tenho hora para acabar; viajo entre os autores e durante a leitura vejo flashes de nós e do(s) nó(s) pelas passarelas.



"NAVEGAR É PRECISO"

Ventos a favor quer dizer navegar, senão com mais romantismo, ao menos com eficiência.

Novos ventos se encontram na poesia de Leminski, a quem se atribui “função libertadora”. A poesia leminskiana se manifesta através da lucidez poética, abrindo-se para os improvisos da imaginação. *“Pensa dentro de mim / o idioma que não fiz / aquela língua sem fim / feita de ais e aquis.”*

Pedro Du Bois faz referência à Leminski, que sempre soube dar vida às palavras e revelar habilidade filosófica no criar poético: *“Curitiba // Leminski / tinha razão / muito mar / passou por aqui. // Leminski / tinha razão / na eternidade / de juventude. // Leminski / não teve razão / ao ir embora / antes que o mar voltasse // antes findasse /sua eterna juventude.”*

Como os ventos, os caminhos se cruzam para buscar uma produção literária sem barreiras na universalização das artes.

Vento, vela, vida, me levam ao contista Marcelo Mirisola, do qual Nelson Oliveira avisa aos navegantes: o estilo do autor está calcado no anacoluto. E de acordo com Napoleão Mendes de Oliveira, anacoluto significa figura de regência em que o termo da oração vem solto, sozinho, sem nenhuma relação sintática com os outros termos.

Mirisola escreveu muitos contos e, entre tantos, vejamos uma amostra de como ele também tem uma “função libertadora” usando palavras “soltas”, como no conto *Joana e as Gôndolas*: *“... Passaríamos as férias num balneário catarinense onde Décio Piccinini tem a idade do meu pai. Carros coreanos e pufes sugeridos. Um lugar sem livros. Onde a velha cobra com dentes de cavalo vive amigada com um polaco obliquo e pornográfico,*



estou falando da minha sogra imaginária, e do seu amante, o polaco. Também tem um Cristo que irradia flashes de raio laser depois da meia noite”.

Os ventos é o ponto de partida para o texto, da mesma maneira que a liberdade de expressão é pretexto para se viver. Navegar é preciso.



A NOITE

“... *Os sons da noite / são o pulso, /
das trevas / o coração*”.

(Júlio Perez)

Vista por fora, a noite é silêncio, mansidão de quietudes, a que reagimos sensivelmente ao perceber que não há o vazio em sua sombra. Vista por dentro, o silêncio da noite não é calmaria, é voz que se ouve como grito do mundo. O sentimento de espera paira na noite que se revela como sombra e nos rodeia em vultos escuros que incitam pensamentos perdidos em labirintos. Como em Júlio Perez, “*De noite / escuto passos / na calçada. / Molhada pela chuva / os faz ressoar...*”. Basta olhar a noite como se fosse um quadro que transcende ao curso empírico da vida, onde o destino passeia entre as sombras dos olhos e, quando se torna longa, nela vagamos em pensamentos impressos na retina. Nas palavras de Jaime Vaz Brasil, “*Noite a noite / o mundo desbota. // Lavrado em sombra / decreta-se / o naufrágio da luz: // um tombo // no litígio das cores.*”

Não conseguimos impedir de nos entregar à noite, pois ela transmite simbolismo e atende aos nossos desejos, quando contemplamos o instante da imagem no anoitecer, onde o sol no infinito ensaia a dança das cores ao som do *Bolero de Ravel*, extraída do saxofone e nas sombras da geografia do improviso: “*Os olhos officiam a imagem*”, no momento em que a sensação visual se transforma em ato de expressão; como dizem, “*os poetas podem ver na escuridão*”, em recorrente metáfora na elaboração de um vocabulário luminoso que preza o momento de ligação entre o



homem e a natureza.

Podemos dizer que a noite desnuda a solidão sem disfarces e, sem reflexos, quebra o conflito do silêncio. A natureza demonstra a solidão do homem cortejando o destino, o que circunscreve à paisagem. Jaime Vaz Brasil pergunta, “... *Onde a noite / esconde o mote / que teus olhos se destapa?*”

A noite desaba seus movimentos abraçando as horas onde o escuro esconde a sensação do medo em cada som. Ela rompe o tempo com magia e oculta o reflexo na sombra das palavras, que os escritores iluminam. Como demonstra Pedro Du Bois, no livro *A Mão Que Escreve*, e Carlos Higgie, com o conto *Escura Noite*, no livro *Caleidoscópico*.

A noite ensaia sua sombra, encobre seus passos onde nossa memória visual é perceptível e ao se instalar grita pela história: a inquietude do homem faz a noite transformar vidas. Segundo Júlio Perez, “... *A vida se desenrola / em meio a tanto barulho / e confusão / que aos poucos / vai se perdendo / a capacidade de sentir a noite se aproximar...*”.



MOSAICO de RUÍNAS

*“Passei anos a olhar / para as coisas que se destroem. /
Muros de pedra / casas antigas, alpendres
estrangulado...// Nem que o lugar /
se tomasse de ruínas...”*
(Jorge Tufic)

Tarde de domingo. Do mar, escuto o que diz em voz alta. A vida senta-se, desconfiada do mundo, ao perceber que a nossa história não está sendo ouvida e pouco preservada e que as palavras caem como chuvas em chamas: as ruínas culturais, emocionais e materiais. Segundo Tatiana T. Coelho, *“vivemos de ruínas... / por outrem descobrimos os que fomos, / buscamos encontrar o caminho e nos deciframos.”*

Ruínas, para mim, têm vários sentidos e um deles é o fim dos sonhos, das conquistas do equilíbrio pelo melhor caminho. Fica presente apenas o nosso medo, civilizatório. É sentimento difícil de se admitir, mesmo que, em algum momento, já tenhamos tido gestos em que “arruinamos a nossa vida”, como ajudar a alcançar as ruínas, desestabilizando até a mãe natureza; *“como árvore velha desfolhada, //... guarda ainda / A saudade do tempo que foi linda / e teve seiva e ramos enflorados!”* (Nicolau N. Nahas)

Ao constatar que a vida não é satisfatória, vale lembrar como alerta que a qualidade de vida pode significar libertação.

Pedro Du Bois, em seu livro *O Coletor de Ruínas*, mostra que é possível criar para o presente e o imprevisível, e olhar o que se esconde atrás do ponto cego, sobre a realidade e a percepção do mundo, como no poema: *“sobre a terra / queimada / brota a*



planta / em sequência // (sustenta a fome / dos animais criados) // sobre a terra / insustentável / o vento trabalha sua parte”.

Dani Arrigucci Jr., em seu livro *O Cacto e as Ruínas*, de crítica literária, analisa dois poemas: *O Cacto*, de Manuel Bandeira e *As Ruínas de Selinunte*, de Murilo Mendes. *As Ruínas* de Murilo mostra a desordem das pedras caídas e a destruição, “*Sobre o mar em linha azul, as ruínas / severas tombando //... Para a catástrofe, em busca / Da sobrevivência, nascemos*”.

A literatura é uma das maneiras de ver o passado e, ao conviver com ele, diminuir as “ruínas do dia-a-dia”. Nesse caso, vale avaliar o que realmente é importante para nós. Quais as tradições que gostaríamos de manter e quais histórias queremos contar aos nossos netos. Também, devemos pensar como reagir diante das “ruínas”. Como evitar que elas aconteçam? Álvaro Pacheco, escreveu, “... *Pois Camões cantava a glória / e eu canto o desespero / deste tempo poluído.*” E Tatiana T. Coelho reflete, “*Para onde foram os sonhos? / Ruínas levadas pela correnteza da vida*”.

Os poetas declaram, como em Pedro Du Bois, “*Fomos a descoberta – passo a passo – e somos o encoberto ser insatisfeito em necessidades. Alguns colecionam, outros coletam ruína*”. Com tal perspectiva, só nos resta o tempo como desafio para evitarmos a “ruínas”, como em Octávio Paz, “*La irrealidad de lo mirado / da realidad a la mirada.*” (*A realidade do visto / dá à vista realidade*)”.

Vida e realidade caminham juntas nas diversas formas de elevar o *nosso* mundo a uma nova dimensão, entre elas, as artes e os gestos, que nos levam a pensar em como evitar a construção do mosaico de ruínas.



SOLIDÃO NUA

*“Este verso, / antes de luzir, / perde a graça. Este poema
/ antes de me rir, / abre a bocarra E me espanta o juízo, / a
fechar-me os lábios / deixando-me zozzo, /
a espiar o dia, / sonhar o nada.”*
(Clauder Arcanjo)

A solidão é considerada um referencial do homem moderno. Na solidão nua encontro a reflexão “*esquecida*” como conhecimento para alcançar a proposta do ato de pensar – arte pelo jogo de luz e sombra.

A nudez da solidão tem a tendência de seguir pelo caminho onde o homem se sente preso na carga dramática e, ao mesmo tempo, sente-se livre da teia, das máscaras, num desejo de superar o espaço para sair das limitações da tela e do papel.

Ao ler uma obra de arte é preciso refletir, discutir sobre as impressões do “*novo*” e isso está em falta, porque o homem está sempre em busca do derradeiro sentido da vida. Por isso, vagamos só e presos na solidão de nossas verdades; presos aos sentidos das nossas ações e discursos.

A solidão nua é atual e a sua característica é a angústia, isto é, ela se apropria do lugar escuro, numa espécie de revirar o lado claro das aparências. Como em Getúlio Zauza, “*As ilusões que poderiam ser minhas / Já nasceram mortas quando nasci / Tive que viver a realidade nua / Não tenho queixa, só gratidão / Pelos percalços encontrados no caminho. / Bem digo a minha solidão, / Pois reconheci: cada um é sozinho / Mesmo cercado pela multidão. / Em verdade o Homem é um ser solitário / E por ilusões é dominado. / Sonha que ama, quer ser feliz / Queixa-se de não*



ser amado...”

Sabemos, que o mundo em que vivemos traz consigo o silêncio que nos enriquece, podendo nos levar à solidão nua onde os absurdos diários sobrevivem em valores que se eternizam em diferentes dias, como em Pedro Du Bois, “*Se estiver sozinho / o ouvido treina / ouvir a solidão / do destino / fechado no quarto / de apagada luz / em cerradas cortinas*”; e Benedito César Silva, “*...Hoje, ao focar em mim, / Não me reconheço. / O tempo que valeu a pena passou. / As sombras não me consomem, / Delas sou parte integrada*”.



A desPALAVRA

*“Quem não vê bem uma palavra,
não pode ver bem uma alma.”*

(Fernando Pessoa)

Defino a *despalavra* como a dança de ideias que me seduz pela autenticidade dotada de silêncio, inverdades e discurso vazio, como o encontro de uma composição poética que traz a magia, o mistério e a fantasia. A *despalavra* se impõe, sobretudo, como poesia de significação.

Revelo a imaginação como a memória que inspirada traz surpresas nas entrelinhas e essa surpresa se impõe pela força do escritor: ao usar a *despalavra*, ele revela o pensamento que se cristaliza em poesia e constrói o inesperado. Ninguém como Jorge L. Borges para retratar, *“El mundo, segundo Mallarme, existe para um libro; según Bioy, somos versículos o palabras o letras de um libro mágico, y este libro incensante es la única cosa que hay em El mundo: mejor dicho El mundo.”*

Muitas vezes, quem se propõe a traçar as palavras em um poema acredita na importância da arte da *despalavra* – a palavra além do significado, a *despalavra* de maneira diferente na pluralidade e diversidade linguística, como acessório. Essa variação é o processo decorrente da criatividade e da vontade de nomear os fatos, como em Orides Fontela, *“Sob a língua...// alimento beijos palavras // ... O saber que a boca prova / O sabor mortal da palavra.”*

Quem se dedica, tem em mente que trajetória irá tomar; passa a pensar na *despalavra* como a sensação que provoca o estímulo. Segundo Lima Coelho, *“Não me rendo ao espetáculo,*



*mas a emoção.../ Não me rendo às palavras, mas ao sentimento, / Rendo-me aos sonhos para poder viver, / Para alimentar-me a alma...”. Nesse sentido, sem dúvida a *despalavra* é o ponto relevante no poema que une forma e conteúdo em resultado que vai além do estético e da significação. Cláudio Arcanjo escreveu, “... *O jovem promissor da Letras nunca mais foi visto a escrever. Aquela professora conseguira, com uma palavra, sepultar um mestre*”.*

Criar é poder. Recriar é trafegar entre dois lados: expressão e imaginação; saber utilizar as palavras de várias maneiras, até inventar a *despalavra* e dar significado a ela. A poesia é o caminho mais gostoso por onde passear pelo mundo da imaginação, da *despalavra* ao sopro do reflexo como em Eduardo Barbossa, “... *sopra-me / o deserto reversivo / da alegria recolhida / a rodopiar em turbilhão de dia-a-dia / respostas vagas para perguntas não formuladas (sentidas) / e eu perdido no viver / anseio / por palavra sua*”.



TEMPO: A MELHOR MEDIDA é a da POESIA

Tutty Vasques escreveu que *“A medida provisória da paciência é medir as palavras para não encher as medidas.”*

A medida provisória de cada um passa junto com o tempo e tem a exata dimensão do prazer. Como o amor tem medidas provisórias pela natureza do ato, a cultura sobrevive de maneira absolutamente provisória.

A própria vida é uma medida provisória que começa e termina de repente. É a vontade de Deus, como em *Sinfonia da Vida*, de Helena Kolody: *“Somos o eterno / aprisionado / na argila perecível. // Inábeis equilibramos / o intemporal no precário. / Só a morte nos liberta”*.

Ele pode ter estabelecido uma cota de vida útil a cada homem, mas, não fixou medida provisória aos poetas que continuarão *“vivos”* sempre, para seus leitores sobreviverem na provisoriidade. Carmen Presotto revela: *“O silêncio atravessa o tempo / não sente / ensina / refina / pressente / borbulha. // No ar / está um raro feito / O amor atravessa o tempo”*.

Não cabe medida provisória ao poeta. Ele trabalha com as suas próprias medidas, como a rima, a métrica, o tema; os pesos, que são os sentimentos (o amor, a emoção, a calma e a ira, os confrontos, os opostos), e o tempo.

O amor despe o poeta. Tornando sonho, o desejo continua; considera o ar para viver, a música para ouvir, a paisagem para ser apreciada, a palavra para ser lida. A revelação para ser lembrada. Como escreveu o poeta Juan Gustavo Cobo Borda, *“Os poetas*



são seres mais concretos com os amigos em todo o mundo, mesmo que mortos.”

A melhor medida é a da poesia que nos ensina a sentir. Todo poeta mostra uma filosofia de vida transformada em receita poética que o leitor absorve como algo que persiste ao tempo. Como demonstra Getúlio Zauza, *“Minha poesia não é medida / Tem inspiração, ritmo e rima / Ela nasce, cresce como a vida... // Poetar não aprendi na escola / Aprendi vivendo alegria e dor...”*



A VIDA ENSINA...

A vida ensina...é sinônimo de tempo, crenças populares, contos, causos e histórias: “*voz do povo, voz de Deus*”. Posso dizer que a voz do homem tem poderes mágicos.

É tempo de ler o livro de Luis da Câmara Cascudo, *Coisas que o Povo Diz*, que atravessa o tempo em palavras da crença popular. Segundo o autor, “*A voz humana tem o poder fecundador*”: o povo conta histórias vividas, ouvidas, presenciadas na cultura popular. Elas surgem com as convergências inevitáveis na técnica de “*quem conta um conto, aumenta um ponto*”.

A cena é imaginável, pessoas reunidas conversam e, na hora mágica, no auge do entusiasmo, falam segredos como se fossem palavras vivas, ao passarem a imagem de perfeição na intenção, como elemento favorável à confiança do povo. Como, por exemplo, *Arrancar a máscara*, um dos ditados encontrado no livro, que segundo o autor significa “*evidenciar a verdadeira face*”.

Avessa, a história sem nenhum fundamento chega ao plano de criação, onde é permitido à memória popular a lembrança dos mistérios no entendimento de cada um. Como diz a lenda, que o *desejo de mulher grávida*, assume proporções de dever social para com a sua satisfação. E, caso o *desejo* não for atendido, o *filho nascerá com a boca aberta* ou com a “*cara*” do objeto desejado.

A vida ensina a ouvir o que o povo diz em suas crenças mais confessáveis, que vão além e aquém. Soltar a imaginação e ousar a fantasia como encontro supersticioso, onde identificamos os costumes através da origem; quando expressamos “*são outros quinhentos*”, significamos “*são outras razões...*”, para expressar a liberdade de se expor com palavras. O segredo está na ênfase



da história contada, no encantamento, no envolvimento do fato, onde há verdade nas coisas que o povo diz. Nas palavras de Ademar Tavares, "*A verdade popular / Nem sempre ao sábio condiz, / Mas há verdade serena / Nas coisas que o povo diz.*"

A vida ensina que é bom ficar atento e aberto às histórias contadas pelo povo, porque são nos seus gestos que identificamos atitudes supersticiosas como mitos que originam a lenda popular. Segundo Hermenegildo Bastos, "*o mito não se desvela. / mas há outros metros, / véus de si próprios: / o claro e o escuro...*"

Coisas que o Povo Diz é literatura que revela os segredos do povo que, ao brincar com as palavras, as tornam crenças populares.



A HORA da JÚLIA

*“Na hora / (cedo) / cedo / ao cansaço // recolho o corpo /
à cama // os olhos cedem / ao escuro, a mente /
cede / ao espaço: / sonho”.*
(Pedro Du Bois)

Horas são épocas lembradas, impressões desenhadas no reconhecimento, histórias recontadas e lembradas nos atos e no sonho em descobertas.

Estou falando da hora em que as crianças demonstram algum interesse no processo criativo, onde sua capacidade de abstração vai surgindo em seu tempo. A linguagem se apresenta simples, concisa e responde às suas expectativas. Porém, em situações específicas, é importante reconhecer o seu poder e a criação quando se inicia.

O escritor Mário Faustino teve a sua em *O Homem e sua Hora*, único livro publicado por ele, onde reúne poemas esparsos (1948) e inéditos. Segundo Benedito Nunes, é uma “obra reflexiva não só porque acolhe o pensamento, a inteligência abstrata ao lado da ressonância onírica e intuitiva da imagem, mas também porque se desdobra numa reflexão sobre a poesia enquanto criação verbal...”

No caso, Júlia Du Bois Araújo Silva, com apenas seis anos, iniciou seu processo de criação verbal e individualização na poesia, quando teve seu interesse despertado na atração pelas palavras e pelos livros, desde bebê. O que contribuiu para a formação da sua identidade; um *papinho* com a poesia numa busca que explora o prazer pela arte.

Com sua pequena criação verbal, ilumina as nossas espe-



ranças, fazendo com que possamos reconhecer na leitura a indicação do caminho na representação da expressão; a hora em que Júlia é origem na constatação que a levou à observação, naquele instante, sobre seu cenário: o espaço e suas estrelas.

A hora de Júlia aponta e traduz o recorte de um ambiente vitorioso, fragmentos do lar e da escola que, desde já, retratam a previsível futura poeta, ao recitar o poema *Estrelas*, de sua autoria: “*Estrelas, oh, estrelas / Fico tão feliz por vê-las // Estrelas apareçam. / Estrelas, oh, estrelas.*”

O seu pequeno poema revela a Júlia reflexiva, que deseja uma troca profunda com as suas aspirações. Enquanto pequena escritora é importante valorizar o seu momento, bem como o seu entendimento que, ao recriar, adapta a situação ao seu ponto de vista. Na visão de Mário Faustino, “*Tudo o que importa é maravilhoso. // A maravilha: o gesto de inocência. / E de aceno o milagre a renascença / de deslumbrados olhos infantil...// - Ah, quem pudesse / gritar à noite e ao tempo essas palavras / e partir pelo vento semeando versos...*”



SINFONIA da VIDA (e das CORES)

“Sem aviso / o vento vira / uma página da vida.”

Apreciar o Sol e o mar, acompanhada de Helena Kolody, em poemas, é uma verdadeira sinfonia da vida. O Sol trilha o caminho da luz em busca de clareza, da verdade. O mar dá a sensação da ampliação da consciência, abrindo-se para o belo e o novo. A poesia vai além da hora certa, é ponto essencial para a sinfonia da vida e para a cultura. Assim, posso apreciar e valorizar a vida.

Sinfonia da Vida, de Helena Kolody, é uma obra que vai além da rima, da métrica e do ritmo. “*É harmonia: uma música brotando da poesia para cantar a vida*”. Seus poemas contam sua história familiar e amorosa, e suas lembranças. “*Vim da Ucrânia valorosa / que fui Russa e foi Rutêria / povo indomável, não cala / A sua voz sem algemas. / Vim do meu berço selvagem / lar singelo à beira d’água / no sertão paranaense... / Por fim ancorei para sempre / em teu coração planaltino / Curitiba, meu amor*”.

É um livro de versos pequenos, que descrevem a grandeza do infinito. Sua poesia tem força descontraída, os poemas são espontâneos e seguem o compasso e a harmonia melodiosa das frases em movimento. “*Quem vai cantando / Não vai sozinho. / Dançam em seu caminho / O sonho e a canção*”.

Após aprender a ler, decorava e cantava os livros que lia; adorava as histórias infantis. O magistério e a poesia foram as duas asas de seu ideal. “*Sempre cheguei tarde / ou cedo demais. / Não vi a felicidade acontecer. / Nunca floresceram / em minha primavera / as rosas que sonhei colher. / Mas sempre os passarinhos / cantaram / e fizeram ninhos / pelos beirais / do meu viver*”.



Em 1951, escreveu *A Sombra no Rio*, depois, passou treze anos sem produzir, o que veio dividir a sua obra em duas fases: a primeira, mais lírica e, a segunda, mais filosófica. “*Pairó, de súbito / noutra dimensão. / Alucina-me a poesia / loucura lúcida*”. Foi uma poetisa que captou os sentimentos e a vida pelo mundo. “*Palavras são pássaros, / voaram! / Não nos pertencem mais*”.

Helena Kolody deixou a mensagem, “*Aprendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquire consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem valor presente e um alcance futuro incalculável. O que dizemos deixa marcas indelévels na inteligência e na sensibilidade dos outros*”.

Seguindo a mesma linha de pensamento que Helena Kolody nos mostra na poesia, situo a sinfonia de cores do artista plástico Sérgio Fingermann como elementos que dialogam com lembranças e memórias da infância, com rigor próprio e questionamentos.

Na poética dessa produção, Fingermann incorpora letras e palavras, pinta as nove sinfonias de Beethoven, promovendo a interação entre a música e as artes visuais. Os trabalhos deram origem a um conjunto de obras na qual o artista explora o silêncio como qualidade própria da pintura.



SEGREDOS ENTRECORTADOS


Faz sentido os homens se perderem na *poeira*? Pedro Du Bois responde, “... *o sentido perde / a razão e o irracional / supera / o consentimento.*”

Poeira é a expressão do momento que destaca o ódio que, ao nele se perder, o homem declara que limpar a *poeira* é fazer faxina na palavra, na qual se reinventa e a comanda entrecortando segredos. Segundo Jorge Luis Borges, “...*Transformarei em pó a história, em pó o pó. / Estou mirando o último poente. / Ouço o último pássaro. Deixo o nada a ninguém.*”

O homem ao se perder na *poeira* interfere nos sentidos e entrecorta o segredo, o que pode significar medo de avaliar suas fraquezas e de sentir ódio. Como em Gregório Matos, “... *E querendo eu mal a quantos / me têm ódio veemente / o meu ódio é mais valente, / pois sou só, e eles são tantos*”.

Se perder na *poeira* é deixar o vento transformar em odioso o que está em sua volta; como passar a vida sem notar que ela desperta bons sentimentos. O ódio deixa a marca na *poeira* e, nos pensamentos, reprime a razão, sendo o ressentimento trazendo lembranças indesejáveis.

O homem ao se sentir perdido na *poeira* fica imerso no próprio pensamento, apenas prestando atenção nos segredos entrecortados, como em Carlos Pessoa Rosa, “...*Pedras sobre a ação do sol / não derretem, não formam larvas quentes a escorrer até o mar... O ódio, sim, é vulcânico, tem calor e queima.*”

Nos segredos entrecortados, o homem tem a maneira peculiar de se expressar, porque é fonte de raciocínio, mas, também apresenta dificuldades proporcionadas pelos problemas do dia a dia, em diferentes situações. Nas palavras de Júlio Perez, “...


Poeira / a presença do nada / a rondar minha vida. / Promessa de extinção / quando aqui não mais estiver. / Reinará absoluta / sobre tudo o que é meu: / afetos / amores / ódios e terrores...”

Quando o homem está perdido na *poeira*, não compreende ou detecta o quanto é incapaz de amar, porque carrega o ódio como enigma a ser desvendado. O mistério entre a razão e a emoção determina o desejo e o objetivo do homem de corresponder às suas expectativas. O que pode parecer como a incógnita que vem a confirmar o enigma: o ódio entrecortando o segredo. Nas palavras de Maria de Lourdes C. Mallmann, “*Não se guarda a tristeza / numa foto, num cartão. / Ela fica registrada / no fundo do coração.*”

O homem pode se transfigurar ao sentir ódio e perder a compostura ao se envolver emocionalmente. Pois, esse sentimento deixa a pessoa amarga e, às vezes, agressiva, fazendo com que dê preferência às respostas doloridas e ofensivas, como a *poeira* que em ventos fortes parece cortar a pele.

Quando as palavras amargas são jogadas ao vento, entrecortam-se os segredos e identificam-se os valores que reforçam a sensação de se perder na *poeira*. Fenômeno incompreensível, já que o homem passa horas sem perceber que está tomado pelo ódio. Resta apenas esperar que o tempo como construção do pensamento, mostre que sua liberdade e individualidade é a forma necessária para se desligar das pressões do cotidiano, para ganhar o sentido do tempo, enquanto entrecorta os segredos. Como expressa Pedro Du Bois, “*Nada valerá o amor /... nossos atos / desmentirão as palavras //... ódios estarão em nossos olhos / lutaremos uns contra os outros / os mais fortes sobreviverão //... aumentarão o ódio expressado / e chamarão a tudo de evolução*”.



SOMOS PERGUNTÁVEIS

Pablo Neruda, no *O Livro das Perguntas*, com ilustrações de Isidro Ferrer e a tradução de Ferreira Gullar, chama a atenção para as diversas perguntas que, diante do mundo, tem sabor de poesia. Como, *“Porque as árvores escondem / o esplendor de suas raízes? Porque se suicidam as folhas / quando se sentem amarelas? Que dirão da minha poesia / os que não tocaram em meu sangue?”* *“Posso perguntar ao meu livro / se é verdade que o escrevi?”*

Somos perguntáveis por que em todos os momentos da vida o questionamento é importante, como demonstração de interesse, crescimento e mudanças; sem contar que as dúvidas sempre estão alojadas, ao longo do tempo, como parte da nossa concentração. *“Quem me mandou escancarar / as portas do meu próprio orgulho? Quem é aquela que te amou / nos sonhos enquanto dormias?”*

Neruda, com propriedade, faz uma enxurrada de perguntas e o livro fica parecendo uma criança perguntando sem parar; assim, leva o leitor a pensar na vida. *“Porque nos tempos escuros / se escreve com tinta invisível? De que cor é o perfume / do pranto azul das violetas?”*

Outro marco nas perguntas é que elas podem se repetir, refletindo um dos sintomas da cultura: a curiosidade. Somos motivados pela curiosidade e moldados pela sociedade para gostar de uma coisa ou de outra. E ainda, somos movidos pela flexibilidade, apontada como facilitador nos questionamentos. A indecisão também é bem vinda ao mundo das perguntas, pois libera a expressão e não atropela seus próprios limites. Aprendemos a admirar ou a repelir, que fazer perguntas significa descobrir e construir. *“Como*



se chama a flor / que voa de pássaro em pássaro? Onde fica o centro do mar? / Por que não vão até lá as ondas?"

As inúmeras situações que o autor questiona no livro substituem a dor do silêncio, onde escondemos o medo, mas, que ao se revelar em curiosidade nos remete às conquistas e é nesse momento que nos entregamos a algo mais fluído e menos delimitado. *"É verdade que a tristeza é larga / e estreita a melancolia? Com as virtudes que esqueci / posso fazer-me um traje novo? Sofre mais quem espera sempre / ou quem nunca esperou ninguém?" Trocar ideias com alguém significa mudança ou juízo de valor?"*

Somos perguntáveis, porque aguça o debate e nos ajuda a ter voz e a entender a sociedade e, ainda, nos permite conhecer o desconhecido: *"É verdade que de noite voa / sobre minha pátria um condor negro? E o onde o espaço termina / se chama morte ou infinito?"*

As perguntas nos encaminham para debater os assuntos na busca de novas experiências, ao romper as barreiras; mais, nos revelam o desejo para com outras pessoas e o desafio para encarar o tema: *"E que importância tenho eu / no tribunal do esquecimento?"*

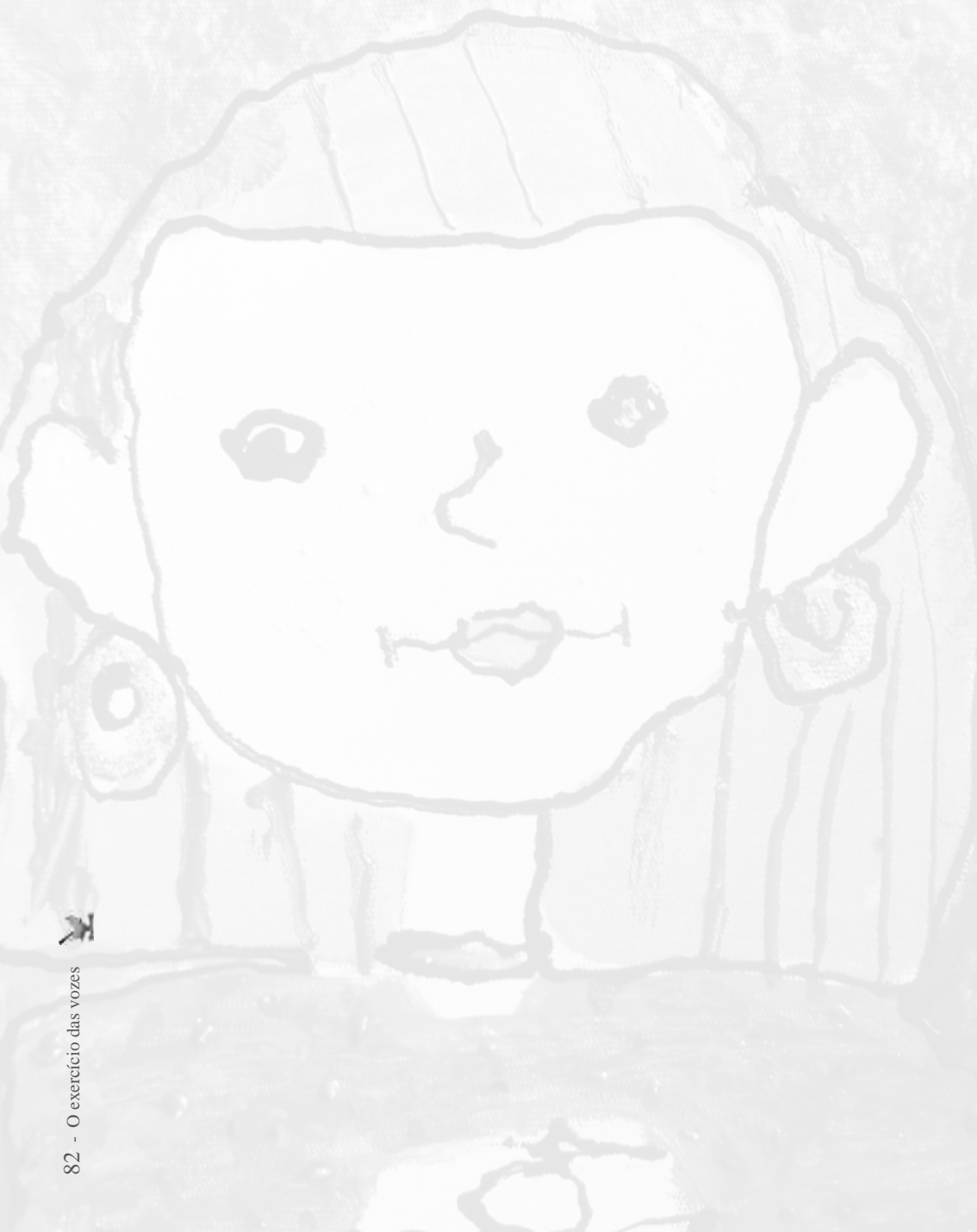
O ato de perguntar está em Neruda, que mostra como é necessário dar voz ao que se deseja e ao que se sente. Também, cria a sensação de que, sempre e sempre, temos muito a explorar e, com as perguntas, renovamos e saboreamos a liberdade do pensamento como desejo de ir além do limite ao concentrar-nos em alargar fronteiras, para alcançar respostas expressivas no momento do desafio ao novo: *"Por que voltei a indiferença / do oceano sem limites? Em qual janela fiquei / olhando o tempo sepultado?"*

Pablo Neruda, na obra, busca reforçar vínculos com as palavras ao diversificar as perguntas que iluminam e provocam a nossa voz ao mostrar as tantas "verdades" das expressões. Colhe um fragmento aqui e outro ali, e tudo parece simples ao tempo comum: o ontem e o hoje revelando as dúvidas do nosso viver. *"Não será nossa vida um túnel / entre duas vagas claridades?"*



O Livro das Perguntas é interessante e ideal para aumentar a comunicação em diversas situações; permite ao leitor a reflexão ao destacar as diferentes vozes na conclusão de que somos perguntáveis. “Onde está o menino que eu fui? Está dentro de mim ou se foi? Onde termina o arco íris / em tua alma ou no horizonte? Que mais pesam na cintura, / as dores ou as recordações? Onde encontrar uma sineta / que soe dentro de teus sonhos? A quem posso perguntar / que vim fazer neste mundo?”





W. J. SOLHA, qual seu LIMITE?

*“... Mas o que, / então / antes que
tudo nos tomem, / é o homem?”*

(W.J.Solha)

Lembro-me de W. J. Solha nos anos 90, e das suas obras exposta no hall do Banco do Brasil, em João Pessoa. Sempre admirei o seu trabalho artístico e a sua capacidade criativa. Já na época me perguntava qual seria o seu limite. Hoje, lendo algumas de suas obras literárias (*História Universal da Angústia, Sobre 50 livros que eu gostaria de ter assinado e Esse é o Homem*), percebo que o seu limite é onde a imaginação o alcança na linha do horizonte.

Essa pergunta provocativa norteia a vida literária e artística de W. J. Solha, onde seu desejo é o mais consciente sentimento, porque forma a teia de expectativas que aos poucos alastra a sua alma para alcançar ou ultrapassar o seu limite.

Faço dessa pergunta o mote para as intervenções e, com ousadia, endosso suas obras literárias pela excelência de sua criatividade e linguagem em sua postura inquieta ao explorar ao máximo a sua produção e elevar a nossa imaginação. Ele chega ao seu limite quando inova na arte brasileira, “.. *ou arte, / cujo fim põe o arremesso, / o começo, / onde se sabe – sem – receio – estar a verdade: / no meio...*”

Algumas pessoas são metamorfoses ambulantes em busca de seus limites; tornam-se incomparáveis e têm suas quebras de paradigmas em áreas que transcendem ao cotidiano. Solha é uma delas, porque possui alto grau de conhecimento e cultura. E, assim, ele altera a visão do mundo, para revelar o seu limite de forma



brilhante. É perfeito artista que faz referências à épocas e fatos; mostra os rastros do tempo no espalhar suas palavras ao vento e o seu limite no modo como re(a)presenta os símbolos da linguagem: atemporais e universais. Sua descrição e composição estão ancoradas na imaginação para com a feição literária, “...*também público e notório que o Homem, / quando se junta, / forma outro Ser Provisório, / vivo, / complexo, / horrível, formoso, / que pode ser chamado, / com propriedade, / de o Povão...Misterioso...*”

Até que ponto W. J. Solha tem consciência de que está no seu limite? Seu pensamento expressa a construção das palavras, dos sentidos e do viver e exercer a sua humanidade. Também, penso que o seu limite está atrelado à inúmeras páginas de experiências e rascunhos de ideias, com os quais pode reescrever os mistérios da vida.

Para Solha, criar é um dos segredos para a constante mistura da satisfação e limite, que o consome com a certeza de mudar a realidade (tão complicada que é). Essa realidade que, ao mesmo tempo em que provoca a nossa exaltação, em definitivo, não nos permite conceber a vida sem estarmos abraçados ao nosso limite. Em suas palavras, “...*Mas o drama que nos irmana / é que o homem pode até fazer o que quer, / com este poema, / uma ode, / mas querer o que quer, / não pode...*”

Para saber qual é o nosso limite, basta não desistirmos dos ideais e das ideias, que é na diferença que crescemos e nos transformamos, sempre atrás das obras literárias que nos fascinam por ultrapassarem os limites do nosso cotidiano, ao misturar as vozes que tecem e entrelaçam as trajetórias limítrofes. Para Solha, “...*A vida – tão previsível quanto incompleta - / precisa, / de vez em quando, / de um gol olímpico / ou de bicicleta...*”



A MAGIA do MOMENTO

“... *Deixei fugir as noites de amor e prazer, / E a minha alma de poeta romântico. / Me deixei acariciar pelo vento / Frio da minha imaginação*”.

(Carlos A. Lima Coelho)

Em um universo criativo, a atmosfera se insinua independente da realidade que a cerca. Sua fonte de inspiração está calcada na vida e pode vir das mais variadas formas. Com certeza, o amor é fonte de inspiração para o poeta que com sua criação nos faz pensar e sentir diferente, reavivando o prazer de ser um momento mágico.

O trabalho do escritor está ligado à vida, ao mundo, o que leva as pessoas a romanearem os poemas. São mais sensíveis às artes. Segundo Benedito Cesar Silva, “...*Fazes de mim o mais amado. / És, mesmo que por uns instantes, a minha inspiração, / O meu fôlego renovado. / Luz da minha vida! / E, neste cântico, quero entoar, o quanto / Posso te amar, / Infinitamente te amar*”.

A magia do momento é quando o poeta escreve, manipula as suas experiências, abrindo portas para o imenso oceano de harmonia e sensibilidade, e o amor é uma delas. Já disse Paulo Henriques Britto: “*sofrer de amor todo mundo sofre*”. O poeta é um ser humano como outro. A diferença é que o que ele escreve é poesia. E a poesia pode nascer a qualquer momento.

Elisa Lucinda disse “*me inspira viver, me inspiram os relacionamentos, laços com o mundo... revoada de versos que brotam na gente...*”. Na prosa poética um simples gesto ou olhar pode se transformar em bela história de amor, como a conquista marcada pelos encontros. Adilson Miguel, “*A fonte de imagem do*



poeta, é o romantismo, com aquela imagem de sofredor, pronto para morrer suas paixões.”

O casamento da poesia com o romance é responsável por selar a união do poeta-amor, abrindo o leque para a imaginação. O que mais me atrai na poesia romântica é a forma pela qual o poeta cria suas histórias de amor, e brinca com elas, como um único objetivo: eleger as relações amorosas mais marcantes, retratadas nas artes, como o poema *Magia*, de Marina Du Bois: “*Não posso fechar os olhos / Porque te vejo / E, mesmo assim, / Teu olhar me provoca, / Me chama / E, em sonho, faço / Aquilo que acordada / Temo: / Beijo-te... / Sinto o calor e o sabor dos teus lábios / E teu cheiro toma conta de mim / Por inteiro / Estremeço / Corpo e alma tremem / Tu me seguras / Me prendes / Não consigo escapar / Dos teus braços / E, estes segundos tornam-se uma / eternidade / Que passa correndo / Como se tivesse medo / Ou como se / A magia do momento / Tivesse outros / Para encantar”.*

Viver grandes momentos amorosos significa acreditar e refletir sobre o sentido da vida, que é o estímulo que permeia a literatura, a música e as manifestações culturais como um todo.



POR QUE os HOMENS não escutam as MULHERES?

A desatenção é um problema na vida do casal. A mulher sente na pele quando o homem não a escuta ou dá respostas evasivas. É costume pensar que é descaso. Tem homem que finge estar distraído para evitar o assunto; dorme no meio da conversa, ou só aceita conversar em determinado horário. Se a mulher insistir, retruca com algum assunto que não tem nada a ver, ou se cala, não participando mais.

Podemos pensar que o homem gosta de fazer uma coisa por vez; que é objetivo e, muitas vezes, impaciente com os “floreios” da mulher. Mesmo que depois ele venha a perguntar: “Por que não falou antes?” Se ele escutasse com atenção, poderia evitar muitos conflitos. Como em Carlos Higgie, “... *E ele, pobre humano, não tinha respostas. Mais trágico ainda: não tinha perguntas. Soube, naquele instante crucial, que toda a caminhada, todos os medos, todas as malditas batalhas vencidas ou perdidas, não valiam nada. Por que ele não tinha respostas. Nem perguntas*”.

O diálogo mantém o encontro do casal e resulta em nova mulher que pode ajudar o homem a compreender a vida com as mudanças e aberturas entre duas pessoas com sentimentos. O dom da palavra nos leva à relação, um momento, e até a um bom livro – novo encontro, nova oportunidade de sentir o mundo.

Toda mulher quer ser ouvida o ano inteiro pelo seu amor. Segundo Carmen S. Presotto, “*Se com minhas palavras te redeseinho / aproximo minha alma / e nela, / escuto teu coração dizendo / o que sempre me digo...*”

Há a “turma” de mulheres que se queixam dos homens que não as escutam e opinam que é interessante abrir espaço para



o homem participar dos cuidados, do cotidiano; curtir a vida e, quem sabe, poder ver no por do sol a imagem refletida do homem dando atenção à mulher e facilitando as escolhas diárias. Carlos Drummond de Andrade expressa, “... *Ah, se um dia respondesses / ao meu bom-dia: bom dia! / Como a noite se mudaria / no mais cristalino dia!*”

Recriar o tempo, em vez de acrescentar horas ao dia; fazer uma pausa, desligando o botão da rotina; certamente há chances de os homens escutarem cada minuto com sabedoria; a mulher terá certeza de estar viva e que a vida a dois vale a pena. Murilo Mendes expressa, “*Onde o homem e a mulher são um, / Onde espadas e granadas / Transformam-se em charruas, / E onde se fundem verbo e ação*”.



DESAFIANDO o TEMPO

Imagine como seria conviver com as atividades diárias, com os amigos e ainda ter tempo para se dedicar à leitura. Há quem desafie o tempo e a literatura e, além de desafiar, muitas vezes reduz, enfeita e conduz a sua utilização e a sua utilidade. Nas palavras de Jorge Tufic, “*O tempo é a / corrosão / que parte do / nada e se / refaz do / nada*”.

O tempo é fronteira entre o que lemos e o que ainda poderemos ler. Pergunto, quanto tempo teremos para ler tudo o que desejamos? Devemos buscar o equilíbrio ao montar a nossa agenda, pois nem sempre podemos prever o tempo necessário para as nossas leituras.

O tempo desafia e reflete a realidade: é preciso ler hoje, para ter voz amanhã. Prova disso são as inúmeras produções literárias realizadas com o intuito de desenvolver e envolver a história do tempo, de natureza filosófica, histórica, poética, científica e sociológica, onde só o amor e a cumplicidade pelas palavras podem operar.

A busca por um estilo de vida focado no tempo está no reencontro da obra com o escritor, onde o leitor já prevê a necessidade de mudar do superficial para o essencial, em uma redescoberta de prazeres.

Pedro Du Bois, em *(Des)Tempo*, questiona: “*Na verdade, nos preocupamos com o tempo: e o nosso tempo permanece intocado na (in)finitude do espaço, onde os escolhidos se lançam em eternidades*”

Carmen Silvia Presotto, em *Dobras do Tempo* desafia o tempo em lembranças: “*Agitados abanos / lembram os laços da*



trança menina e / a expectativa da vida não preenchida. // ... Suspiro ao vento pelo primeiro dia.”

Jorge Luis Borges, em *Histórias da Eternidade*, busca desafiar o tempo no sentido do rigor cronológico, “*Entendi que sem tempo não há movimento (ocupação de diferentes lugares em diferentes momentos); não entendi que também não pode haver imobilidade (ocupação de um mesmo lugar em diferentes momentos)*”.

Tais obras mostram a busca pelo passado, presente e futuro e, ainda, nos trazem o caminho do conhecimento de maneira simples e ao mesmo tempo profunda, pois vibrantes em uma mesma frequência.

O livro é atemporal e companheiro, pode ser interessante num determinado momento e ter outra função em outro, e ainda refletir sobre as questões do nosso tempo.

Desafiar o tempo é saber, de fato, para o que ele serve, é desejar que ele pare. Ou que ele possa andar, como em Saramago, “*Não tenha pressa./ Mas não perca tempo.*”; ou brincar como em Mário Quintana, “*O tempo é apenas o ponto de vista do relógio.*” Há o tempo do relógio, mas também seguimos o tempo que está dentro de nós, como o feito de sentimentos, que é o que verdadeiramente faz a nossa história, porque quando a imaginação trabalha, é insuperável...

O segredo de desafiar o tempo está na seriedade e eficiência da criação literária, tudo o que lemos faz parte da nossa formação, e o aproveitamento do tempo reside no encontro em que a sociedade se reconhece: equitativa, eficiente e culta; todos acreditando que a força está nos livros que desafiam o tempo.



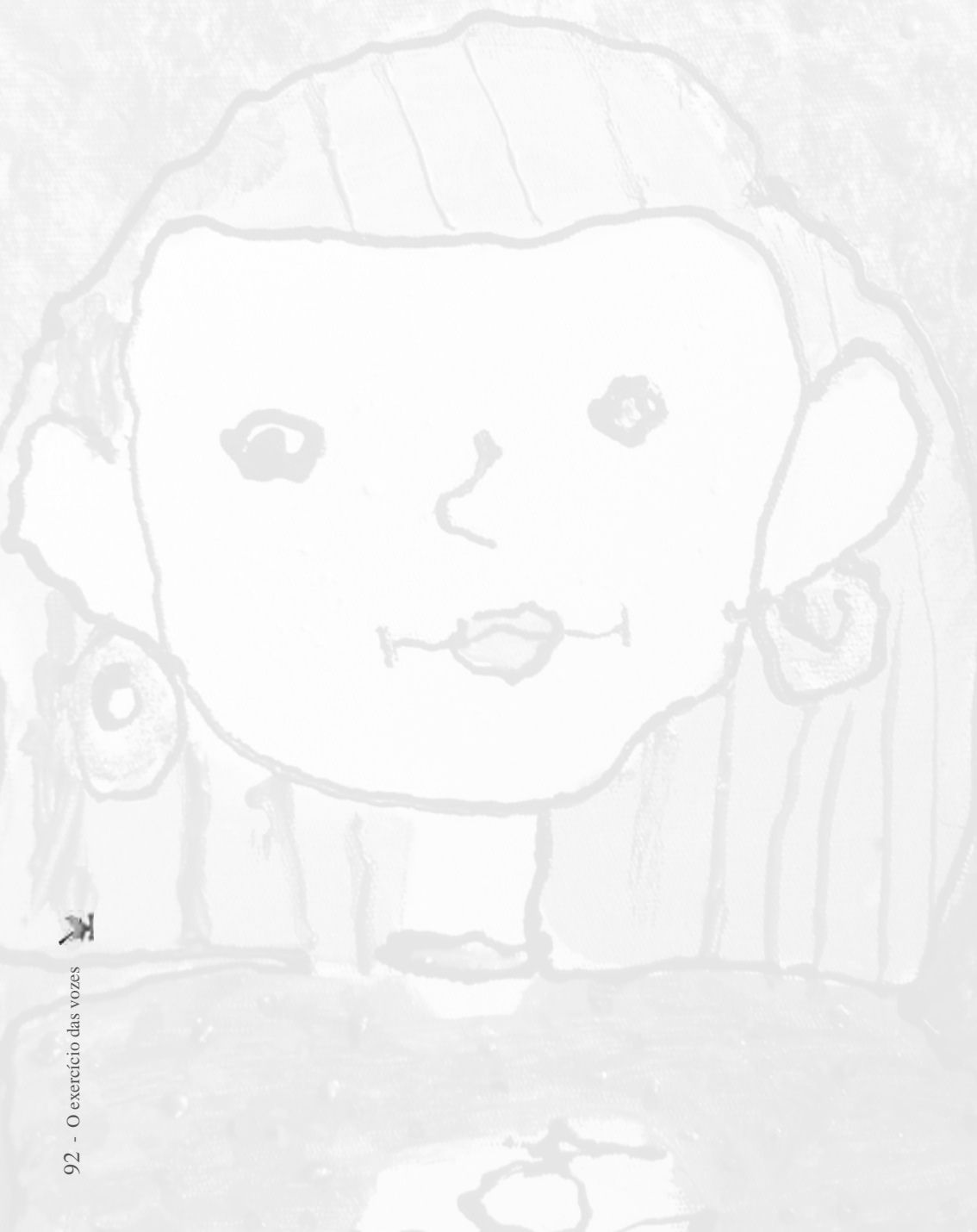
MOSCA TONTA

Por escolha, Pedro Du Bois há muito tempo esvoaça para a sua poesia a imagem da vida que o cerca, com registro literário formado pelos tipos e situações vigentes; desenvolve uma arte que documenta os gestos e o distanciamento das pessoas, como mostra em seu poema *Mosca Tonta*: *“Quem algum dia disse / que a luz escura não tem brilho / não lembra de quem um dia lhe disse: / saia desse caminho, siga por outra estrada, / ao lado, ornada por grandes árvores, / verdes, verdejante e não pálidas. // Ele esquece, eu me lembro da hora / em que me foi dito com a maior seriedade;/ fosse para ele, para mim, da maior seriedade. // Hoje, distante no tempo, no sentido / revejo a cena como nuvem sem brilho / e penso que tolo fui em não seguir o conselho.// Segui pela estrada errada, ontem, hoje, sempre e nada. Sou como a mosca tonta, sem saber da tua chegada”*.

Nem sempre me dou conta da ousadia do poeta ao bater com força as suas asas, atraindo a minha atenção pela beleza dos seus gestos e dos seus poemas.

Documenta seus pensamentos, provocando a musicalidade existente em mim. Em instantes, o poeta conquista a minha vida. Em suas páginas, desperta os sentidos para que eu reflita, respire fundo e reserve um tempo só para mim e a sua poesia. Linhas que me dão acesso a alguns dos meus melhores momentos e trazem para a minha vida a sensação de ir a algum lugar sem saber o que irei encontrar - é estimulante e rejuvenescedor -, estonteante e esvoaçante como uma “mosca tonta”.





"QUEM não se COMUNICA, se TRUMBICA"

A língua é passaporte. Através dela identifica-se o indivíduo, mostrando, refletindo, de onde vem a pessoa que a postula. Chacrinha já dizia: "*Quem não se comunica, se trumbica*". A língua é o foco da nossa capacidade de expressão. É importante ficarmos atentos à força das palavras e do pensamento, como em Pedro Du Bois, "*Se as palavras encantam / o menino / sai a brincar com elas / algo maior acontece...*".

A comunicação escrita e oral ganhou suportes transformadores e se espalhou pelas cidades com intensidade crescente, propondo novo olhar sobre seu povo e sua língua, que simboliza a voz interna do bom senso, favorecendo a troca de ideias. Ela potencializa nossa inteligência para os fatos.

A língua como sentido das palavras, se transforma a partir do significado concreto para o abstrato. Ela é o mistério. Como deixou Ludwig Wittgenstein, para reflexão: "*os limites da minha linguagem são os limites do meu mundo.*" Quer dizer que podemos traçar nossa linha com base na educação, aspiração e ideologia, numa forma de expressar-se para a vida social, porque a língua inicia o ciclo de mudanças que se estendem a explorar os verdadeiros potenciais, com reciprocidade; faz existir a possibilidade de abrir portas para o novo, de espelhar a autoimagem e diferenciar a comunicação.

E mais, a forma de escrever e falar se manifesta sem que sejamos diferentes, apenas devemos nos adequar às questões locais. A língua se distingue do acordo para com a classe social, a experiência de vida e a região geográfica; suas estruturas e formas são inseparáveis da história de seus falantes, sinalizando a mudança



rumo ao pensamento. Na visão de Leandro Karnal, “*A língua é rica em sons e ideias e produz ações*”. A linguagem também representa a revolução na produção literária, trazendo novas palavras, expressões e significados.

A comunicação é viver o renascimento de expressar as emoções e fazer ajustes no desejar: o diálogo para que a comunicação se realize, lembrando que a língua é patrimônio cultural. É caráter. Ela une e identifica um povo. Segundo Pedro Du Bois, “*A língua universaliza / as palavras: sabemos / os significados...*” e, Luís Fernando Veríssimo, diz que “*o caráter de um povo decorre de sua língua*”, marcando a notável expansão da consciência a refletir a criatividade no cotidiano. Clauder Arcanjo mostra, “*... Farei meus textos com o colhido nas ruas, por entre os homens, por entre a vida, e não por entre as páginas do Latim, por entre a consulta das palavras mais difíceis no fundo dos dicionários*”.



PALAVRAS CIFRADAS

As palavras restringem os nossos sentimentos e, por isso, muitas vezes usamos o chavão: “Não tenho palavras”. O sentimento vai além do que poderia ser descrito.

O poeta Oliveira e Silva, pergunta: “*Quem somos nós, senão a chuva e o vento, / Quando, por acaso, dialogamos, / sob um céu vago, às vezes pardacento, / Ao gemerem as árvores nos ramos?*” Assim, ele indaga sobre o sentido da vida e nos mostra que ela é feita de palavras que podem ser inadequadas, opostas, reparadoras, carinhosas, famosas, educativas, deslocadas, coloridas, surpreendentes e cifradas.

Palavras cifradas, misteriosas, palavras que riem. Reflexão, rigor, concisão, ironia, coerência – o desejo comunicável, o invisível grito em que o escritor com suas palavras cria a arte e o mistério, marcando a sua existência, como em Lima Coelho, “... *Não sou a voz dos outros, ao mesmo instante em que sou tu, sou eu, somos nós em cada poema. Talvez sejamos a voz do coletivo, que em sentimento uno expressamos comportamentos...*”

Novas cores. Novas palavras acarretando modificações e revelando o desejo de cada escritor. Num mundo de mensagens escritas surgem palavras “novidades”, ou seja, há código próprio de escrita criando possibilidades de interação, permitindo que as pessoas “teclêm” com amigos do mundo todo. Porém, é preciso ter cuidado com a utilização em demasia do computador, gera individualidade sem intimidade, restando apenas palavras cifradas. Pedro Du Bois mostra em seu livro, *A palavra do Nome*, “*o nome adequado: a epopeia / lança o encontro / entre o corpo e a palavra*”. Ele faz alusão ao sentido, na forma, na beleza e na profundidade, com a qualidade intrínseca da importância e significância



do diálogo.

Sob várias formas a palavra reduz os sentidos do que é visto todos os dias. A palavra é o caminho para o conhecimento e chega a todos, transporta resultados que dão significado à vida. Ela abre um novo panorama e, em cada poema, nos faz sentir vivos e não cifrados.

Rubens Jardim completa, fazendo reflexão sobre a palavra: *“... E eu fico aqui me perguntando / onde está a palavra antes da palavra? / Aquela que nos desenvolve sem cessar / a consciência da total ambivalência? / Aquela que rompe com os marcos / da duração e estabelece a hora imóvel / que os relógios não marcam?”*



PALAVRAS DESLOCADAS

Na vida, dividimos o tempo com as obrigações e o lazer, mas, em todas as situações, reconhecemos que as palavras bem colocadas abrem caminhos. Cabe a nós perceber que as palavras bem usadas causam reações e, por isso, devemos pensar em quais as falas e atitudes que nos mantém unidos, aumentando a compreensão dos fatos e a cooperação para a autonomia.

Quando a palavra está deslocada, muitas vezes, transforma o comportamento da pessoa que ouve, para melhor ou pior. E, ao mesmo tempo, devemos levar em consideração as circunstâncias e os fatos, ao ouvir o que não gostaríamos, por exemplo: “*Acúmulos de medidas*” – quando ouvi esta frase junto com o Pedro ele comentou: “*parecem trilhas suspensas nas copas das árvores*”; logo, lembrei-me de Lindolf Bell, “*Feriu-se de palavras / me feriu, / me faliu...*” Isso mesmo, há perda de sentido quando a pessoa diz ou escreve palavras deslocadas. É preciso ficar alerta e atenta para não se assustar com as palavras ditas fora dos contextos, inclusive provindas de pessoas do dito meio cultural.

Deslocar, desmedir as palavras, mexe com os sentimentos, não nos permitindo ter a compreensão, porque mudam os significados e não as entendemos. Outro exemplo, ouvi *despensar*, como dispensar alguém. Mudou totalmente o significado da frase. Então, impor limites nas palavras é mostrar que nos importamos com o que dizemos: é explicar, saber e entender o que falamos.

Será que encontramos equilíbrio nas palavras deslocadas? Essa questão me leva a pensar que depende muito do bom senso, além do conhecimento. Se os jornais, TVs, *outdoors*, placas, anúncios etc e tal, forem escritas e/ou ditas de forma incorreta e sem sentido, perdemos o controle sobre a qualidade de vida. Não



há meio termo para o correto. Temos de suportar os deslocamentos e isto nos traz insegurança e questionamentos.

Volto ao “*Acúmulo de não medidas*”, que apenas nos transmite manipulação, para terem o que querem: audiência. Buscamos por respostas dos responsáveis e não obtemos. Por isso, digo que é questão de bom senso. Usar, ler, ouvir palavras deslocadas, desequilibra a vida e nos transforma em alguém que nunca imaginamos ser: aculturados.

De qualquer maneira, usamos a palavra como recurso, logo, estamos vinculados à arte de complementar a vida cultural, pois devemos usar a crítica construtiva e repetir, da forma exata todos os dias, até que reconheçam corretamente o significado das palavras e façam da expressão gramatical um elo entre nós, valorizando tudo o que temos para oferecer: a arte de escrever; a arte de contar e a arte de ler.

Acredito que viver com qualidade e sucesso se deve ao fato das pessoas perceberem e terem consciência (inclusive política) para entender quando as palavras estão deslocadas; e cabe a nós dizer: sim ou não!



A MORTE... ANUNCIANDO sua CHEGADA

A morte nos filmes vem silenciosa. Chega sorrateira dando a impressão de serenidade e algumas vezes *se faz bonita*. A morte na vida real chega barulhenta: anunciando temor e angústia. O corpo se transforma em reprodução de sons pesados, fortes, que nos assustam, chamando-nos a atenção; a morte chega anunciando o deprimente instante. Lembro da morte assistida: todas chegaram acompanhadas de um ronco e, agora, o som da tristeza se encontra em mim.

E o último suspiro? Na verdade, quem tem o forte suspiro somos nós que sentimos a morte chegando. Ao se anunciar, nos desestruturamos por algumas horas; começamos a ver o lago escuro; no sol sem brilho sentimos o impacto de o vento frio entrar em nossos ossos, a cabeça roda, as pernas tremem e o coração acelera. Tudo o que queremos é que a pessoa não sinta a chegada da morte; como choramos a lembrança antes de esquecê-lo.

Já perceberam que sempre que a morte é anunciada nós corremos ao encontro dela? Com a morte anunciada conseguimos reunir os familiares, rever amigos... Por muitas vezes ela se torna inspiração para os poetas, levando-nos à contradição, invertendo a situação, e por muitas vezes refletindo o belo. O poeta Pedro Du Bois chama a morte de a “*Ausência Inconsentida*”, porque declara ser inconsentida a perda; e a ausência, como no poema: “*Na morte espelha a tristeza / em pouca companhia / não será a carne e os olhos fechados / trazendo parco consolo. // Na morte esplendor e glória / trajeto feito, curto e seco / caminho inexorável / de indizíveis saudades*”.



Du Bois dá um belo nome à morte com ar de elegância, silêncio e paz. Transmite algo, como a “renovação da vida, em outra forma e função”. Nada parecido com o que se faz presente: ouço gritos, choros, desesperos que batucam na minha cabeça e deixam meu coração desgovernado, consumindo-me entre a vida e a morte.

Anunciada a morte, não há consciência; há tênue lembrança da vida, que se faz forte. Há a minha tristeza em presenciar, há o badalar do sino, há flores secas; o sonho contém o instante do que não existe mais. Segundo Carmen Presotto, *“Pero há vivas memórias / Há mortos que nunca morrem, / voz / imagem / eles surgem feito marés / ou límpidos cristais a esculpir / as lágrimas que a curva do olho não apaga...// Há mortos que nunca morrem, / feitos braseiros, rios caudalosos seguem a refletir em nós vivas memórias...”*



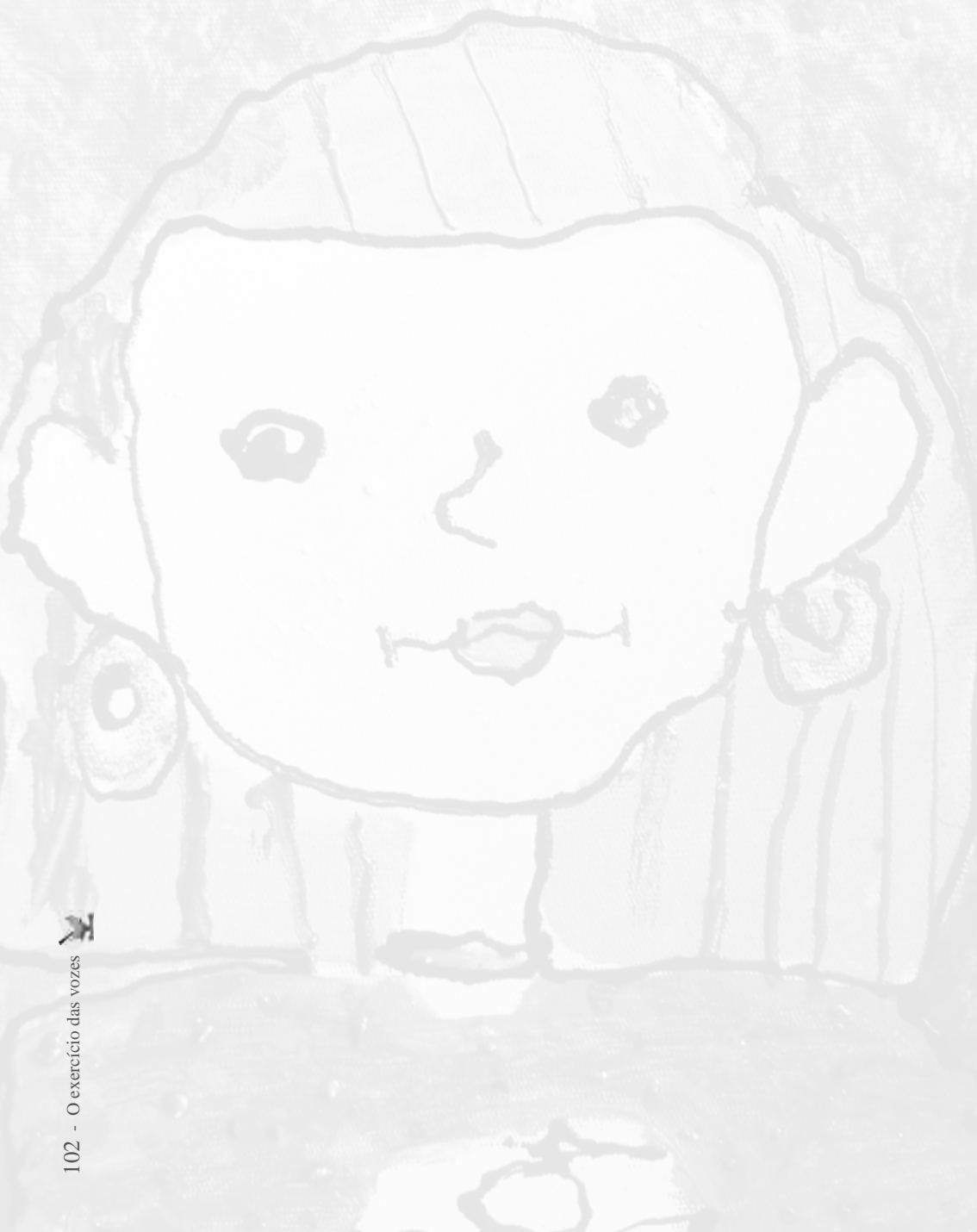
“O SILÊNCIO não SILENCIA”

Por que o silêncio não silencia? É verdade que quando estou em silêncio sempre ouço algo. Como um mosquito? Uma abelha? O vento? Mas, não é só isso. O meu silêncio é incapaz de se calar, principalmente à noite, ao encostar a cabeça no travesseiro – os barulhos da casa não permitem o silêncio. E a chuva? Então ouço os pingos escorrendo nas vidraças, os trovões fortes e fracos explodindo sempre muito perto, assim parece.

Contudo, chega um dia em que falo: hoje preciso do silêncio total. Um silêncio que realmente silencie a minha vida, o meu ritmo, o meu canto. Esse silêncio sem eco, sem zumbidos, sem gritos; esse que dificilmente consigo ter. Porém, desejo o silêncio que lembre o vento na cara, lembre a paisagem imensa e verde, um sorriso, um belo gesto, um abraço e um muito obrigado.

Mas, insisto em dizer que o silêncio não silencia – mesmo com tudo e todos paralisados -; um tiro é o barulho que vem acompanhado de outro barulho, o choro de quem não consegue silenciar.

E eu, finalmente, venci o silêncio que não silencia, estou no silêncio profundo..., agora, o silêncio calou-se e eu não posso mais descrevê-lo. Nas palavras de Vinícius de Moraes, “*Cala; escuta o silêncio / Que vos fala*”.



na CAPA,
da direita para a esquerda

Pedro Du Bois (SC)
Carlos Pessoa Rosa (SP)
Miriam Postal (RS)
Nilto Maciel (CE)
Paulo Monteiro (RS)
Eduardo Barbosa (SC)
Marina Du Bois (DF)
Gilberto Cunha (RS)
Carlos A. Lima Coelho (MA)
Paulo C. Araújo Silva (DF)
Júlia Du Bois Araújo Silva (DF)
Clauder Arcanjo (RN)
Luísa Du Bois Araújo Silva (DF)
Benedito César Silva (MG)
Getúlio Zauza (RS)
Leila Míccolis (RJ)
Miguel Guggiana (RS)
Carmen S. Presotto (RS)
Ernesto P. Zanette (RS)
W.J.Solha (PB)
Carlos Higgin (SC)
Maria de Lourdes C. Mallmann (SC)
Júlio Perez (RS)
Ivaldino Tasca (RS)

Agradeço de coração.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br

nelas se reflete; esse abraçar-se resulta na produção literária exigente na forma semântica - perfeccionista é o termo adequado; instigadora, escoreita, agradável, criativa e, agora assumidamente permeada de poesia, sensível, elegante, carregada de finesse; tal é a escritora Tânia Du Bois em O Exercício das Vozes, numa só expressão.

Encerro bem a gosto da autora, citando Max Martins, “Tu que me lê, tu que me vê”. Descubra a escritora Tânia lendo esta sua obra.

Miguel Guggiana
Escritor



TÂNIA DU BOIS, residente em Balneário Camboriú, SC. Pedagoga. Articulista e cronista; textos em diversos portais, sites e blogs literários. Organizadora e revisora dos poemas de Pedro Du Bois, e capista de livros. Colunista d'A Revista de SC.

O Exercício das VOZES são crônicas que revelam ecos dos escritores, refletindo as cenas da vida. Ao lermos a palavra espalhada, 'ouvimos de viva-voz', então as consumimos para mantermos a sensibilidade e a curiosidade pela vida.



978-85-8326-058-5



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura